



ISPA | Instituto Universitário

O Espaço do Materno e do
Feminino em sujeitos
toxicodependentes, expresso(s)
no/pelo Rorschach

Rui André Nuné Salvador

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Emília Marques

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Doutora Maria Emília Marques, pela sua inestimável orientação neste árduo percurso efectuado. Pela partilha valiosa dos seus conhecimentos, catalisadora da evolução profissional e do crescimento pessoal.

À Dra. Maria Cristina Gago da Silva, pela ajuda imprescindível ao longo deste caminho trilhado. Pela sua disponibilidade acolhedora e pelo seu sorriso sempre reconfortante. Pela Amizade.

A todos os colegas de curso, do ISPA e da FPCE-UL, pela companhia sublime neste trajecto comum.

Aos meus pais e aos meus amigos, pela presença insubstituível.

À Sandra, a pessoa mais importante na minha vida.

RESUMO

Neste estudo considerámos como fundamental analisar as estruturas e processos relacionados com a génese da capacidade de pensar, procurando aí as raízes do funcionamento psíquico toxicodependente. Com base no modelo bioniano sobre o desenvolvimento do pensamento assumimos como fulcral o estudo do(s) espaço(s) psíquico(s) do materno/feminino, integrando, para tal, as concepções de Florence Guignard sobre o espaço do materno primário e o espaço do feminino primário, tidos como espaços psíquicos fundamentais para o/um correcto desenvolvimento psicológico.

Possuindo o método Rorschach uma capacidade ímpar em espelhar o mundo interno do sujeito, adaptámos a análise do instrumento, com a elaboração de determinados procedimentos de análise, com vista à reactivação e caracterização destes espaços psíquicos primordiais. Foram seleccionados dois protocolos de sujeitos toxicodependentes com historial de consumos mistos, cujos resultados não só demonstram a extrema precariedade dos dois espaços fundadores da vida psíquica (bloqueio ao nível do materno primário e ténue capacidade de acesso/movimentação ao nível do feminino primário, consoante o sujeito) como evidenciam uma clara sintonia com as principais concepções dinâmicas sobre a toxicodependência.

Palavras-chave: Rorschach; espaço do materno primário; espaço do feminino primário; capacidade de pensar; toxicodependência.

ABSTRACT

In this study we considered the analysis of the structures and processes related with the genesis of the capacity to think as critical, searching there the roots of the psychic functioning of the drug addict. Having the bionian model on the development of the thought has support we assume as crucial the study of the maternal/feminine psychic space(s), integrating, for such, the conceptions of Florence Guignard on the primary maternal space and the primary feminine space, regarded as fundamental psychic spaces for a healthy psychological development.

Having the Rorschach`s method an uneven ability to show the internal world of the subject, we made an adaptation on the analysis of the instrument, with the elaboration of certain reading procedures, looking for the reactivation and characterization of these primordial psychic spaces. There were selected two protocols of drug addict subjects with history of combined consumptions, whose results not only demonstrate the extreme precariousness of the two founding spaces of the psychic life (blockade at the level of the primary maternal space and tenuous capacity of access/movement to the level of the primary feminine space, regarding the subject) as they show a clear harmony with the main dynamic conceptions on drug addiction.

Key-words: Rorschach; primary maternal space; primary feminine space; capacity to think; drug addiction.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO de LITERATURA.....	3
2.1. - Espaço do Materno e do Feminino/Capacidade de pensar -	3
2.2. - Toxicodependência -	9
3. OBJECTIVO de ESTUDO.....	12
4. METODOLOGIA.....	15
4.1. Modelo de Estudo.....	15
4.2. Método Rorschach.....	15
5. PROCEDIMENTOS de ANÁLISE.....	22
5.1. Vínculo ♀♂ simbiótico, função α transformadora e oscilação dinâmica Ps \leftrightarrow D.....	22
5.2. Vínculo ♀♂ comensal, função α incipiente e perturbações na oscilação Ps \leftrightarrow D.....	24
5.3. Vínculo ♀♂ parasitário, função α inoperante e falhas severas na oscilação Ps \leftrightarrow D.....	26
6. APRESENTAÇÃO dos SUJEITOS	29
7. ANÁLISE dos PROTOCOLOS	31
7.1. ANÁLISE do PROTOCOLO A (Paulo)	31
7.2. ANÁLISE do PROTOCOLO B (Frederico)	41
8. DISCUSSÃO.....	51
9. CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS.....	62
ANEXO A: PROTOCOLOS RORSCHACH	62
Protocolo Rorschach A.....	62
Protocolo Rorschach B	65
ANEXO B: PSICOGRAMAS	68
Psicograma Protocolo A.....	68
Psicograma Protocolo B	69

1. INTRODUÇÃO

A toxicodependência constitui-se como um flagelo das sociedades ocidentais, em que a destruição progressiva dos laços que unem o sujeito ao mundo é reveladora de uma problemática profunda, anterior à relação que o sujeito inicia com a droga. Embora seja possível verificar a instalação da toxicodependência em todas as estruturas de personalidade e perfis psicopatológicos classicamente delineados, importa salientar a constatação de diversos autores sobre a existência de determinadas características de funcionamento psíquico amplamente presentes nestes sujeitos, nomeadamente uma acentuada intolerância à dor mental e um déficit na capacidade simbólica, o que nos permite pensar numa origem comum, conducente e facilitadora da condição toxicómana.

Em estreita aliança com o descrito surge uma componente prática, nascida da realização do estágio académico numa Equipa de Rua, onde me foi permitido contactar com esta realidade e vivenciar de perto as extremas dificuldades dos sujeitos toxicodependentes na tolerância à frustração, na emergência dos afectos e na elaboração dos pensamentos; esta componente prática cimentou o interesse em aprofundar estas problemáticas, limitadoras de harmoniosas relações destes indivíduos com o/um Outro e promotoras da sua ligação à droga, tornando-os reféns da mesma.

Deste modo, o presente estudo visa auxiliar a compreensão do funcionamento psíquico toxicodependente, procurando elucidar e esclarecer os processos psíquicos que estruturam este funcionamento e que estão, assim, subjacentes ao surgimento das características já referidas - consideramos então como pertinente o estudo das estruturas e processos relacionados com a génese da capacidade de pensar, localizando aí a possível origem comum mencionada e procurando aí as raízes desta problemática.

Adoptaremos especificamente o modelo bioniano sobre o desenvolvimento do pensamento no sujeito, particularizando e clarificando os conceitos envolvidos; assume especial importância a visão de Wilfred Bion sobre o contributo materno na saudável evolução deste processo, materno este considerado aqui como espaço psíquico fundamental na construção do indivíduo como ser pensante e na potencialização das suas capacidades psíquicas. Neste sentido, será abordada a concepção de Florence Guignard sobre o materno e o feminino, mais especificamente sobre o materno primário e o feminino primário, concebidos pela autora como dois espaços psíquicos bissexuais, fundamentais para o desenvolvimento psicológico do indivíduo.

Desta forma, e utilizando como método e técnica o Rorschach, procuraremos aceder a estes espaços psíquicos, onde se funda o indivíduo psicológico, pois o processo-resposta Rorschach espelha o mundo interno do sujeito, reactivando experiências emocionais primárias e expondo o trabalho de ligação, separação, transformação e criação, tornando-o um instrumento valioso na caracterização dos espaços promotores da qualidade do pensamento e da capacidade de pensar; a sua análise terá por base os fundamentos da Escola Francesa, sustentados pelos trabalhos de Rausch de Traubenberg, Chabert (e Marques, o que possibilita a integração e articulação das teorias kleinianas e pós-kleinianas na sua compreensão). De referir que pretendemos contribuir para o desenvolvimento/alargamento do método referente a esta prova projectiva, dotando-a de procedimentos que visem o acesso a registos psíquicos que não os referentes à lógica clássica do diagnóstico diferencial.

Assim, proceder-se-á a uma revisão de literatura com vista à clarificação dos conceitos relativos ao modelo bioniano da génese do pensamento, nomeadamente a *capacidade de rêverie*, o *modelo continente-conteúdo*, a *função α* , a *oscilação dinâmica entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva* e a constituição do *aparelho de pensar os pensamentos*. Articular-se-á este modelo bioniano com os espaços do materno primário e feminino primário, conceptualizados por Guignard, tendo sempre por base a importância destas estruturas psíquicas no desenvolvimento da capacidade do indivíduo em tornar-se num ser pensante e em relação com o Outro; posteriormente seguir-se-á uma breve exposição das principais perspectivas psicodinâmicas sobre a toxicodependência, onde serão enquadradas as características de funcionamento psíquico mais importantes nestes sujeitos.

No capítulo seguinte será feita uma síntese, no sentido de clarificar o objectivo de estudo, tendo em vista a articulação da parte teórica *per si* e a articulação desta com a parte empírica.

No capítulo referente à metodologia descrever-se-á o modelo de estudo qualitativo, destacando as características mais relevantes do Rorschach, como instrumento metodológico projectivo. Segue-se o capítulo respeitante aos procedimentos de análise, no sentido de esclarecer quais as operacionalizações/procedimentos de leitura que sustentarão a análise qualitativa dos espaços psíquicos mencionados, nos dez cartões.

Após a apresentação dos sujeitos seguir-se-á a análise dos respectivos protocolos, cartão a cartão, à luz dos procedimentos de análise elaborados, bem como a análise dos psicogramas. No penúltimo capítulo será desenvolvida uma discussão dos resultados obtidos, tendo por base a articulação destes com a revisão de literatura efectuada, concluindo, no último capítulo, sobre a pertinência, limitações e possíveis contributos do presente estudo.

2. REVISÃO de LITERATURA

2.1. - Espaço do Materno e do Feminino/Capacidade de pensar -

O bebê, como ser imaturo, não dispõe dos instrumentos necessários para lidar com a experiência emocional; desta forma a dor ou desconforto provocado pela fome, angústia ou medo são insuportáveis pois são desprovidos de sentido. Assim, a qualidade psíquica da mãe, ou a sua *capacidade de rêverie*, tal como foi descrita por Bion, é fundamental no crescimento (psíquico) do bebê. A *rêverie* traduz-se na capacidade da mãe em adoptar uma atitude de recepção, acolhimento e descodificação das angústias do filho, devolvendo-as posteriormente com significação, isto é, devidamente desintoxicadas (Zimerman, 1995). Mais especificamente, e segundo o próprio Bion (1962/1991), a *rêverie* é “o estado da mente em que se está aberto à recepção de quaisquer “objectos” provenientes do objecto amado, estando-se, assim, capaz de receber as identificações projectivas do bebê, quer este as sinta como boas ou más” (p. 36). É esta capacidade materna, enquanto objecto pensante e contentor, que se constitui como condição essencial para o correcto desenvolvimento da vida psíquica do bebê - a mãe tem como função organizar o acesso da criança ao mundo psicológico. Segundo o modelo bioniano uma saudável relação de intimidade mãe-bebê permite que, gradualmente, o mundo adquira significado e a criança possa construir o seu próprio *aparelho de pensar os pensamentos* (Symington & Symington, 1997/1999), ausente no início de vida do indivíduo. Este aparelho é essencial para a faculdade de pensar, permitindo à criança lidar com a experiência emocional, transformando o pulsional em simbólico. Mas como se desenvolve este processo?

Bion concebeu o *modelo continente* (♀) - *conteúdo* (♂), cujo arquétipo é o seio materno/bebê, podendo na relação mãe/bebê “ambos crescer através da experiência de conter e de ser contido” (Symington & Symington, 1997/1999, p.73). O processo comunicativo entre a mãe e o seu bebê deverá desenrolar-se no sentido daquela exercer a função continente (♀) para a experiência emocional do bebê – conteúdo (♂); desta forma, como já referido, através da capacidade de *rêverie* a mãe desintoxica os conteúdos recebidos, isto é, a mãe lida com a experiência emocional utilizando as suas funções psíquicas – mais especificamente o aparelho de pensar os pensamentos – devolvendo ao bebê esta experiência emocional já desintoxicada. Note-se que é a partir de uma harmoniosa união entre ♀♂ que o crescimento mental pode ocorrer, sempre com base num ambiente emocional propício. Esta compreensão da experiência emocional “não pode ser concebida fora de uma relação” (Bion, 1962/1991, p.42), tendo este autor teorizado que podem existir nas relações humanas os *vínculos de Amor*

(L), *Ódio (H) e Conhecimento (K)*, bem como os seus negativos (-L), (-H) e (-K). Os vínculos negativos, contrariamente aos positivos, opõem-se à compreensão da experiência emocional (Symington & Symington, 1997/1999).

Torna-se então pertinente enunciar os três tipos fundamentais de vínculo conceptualizados por Bion, subjacentes à relação continente-conteúdo: comensal, parasitário e simbiótico (Symington & Symington, 1997/1999). No que respeita ao *vínculo comensal* “continente e conteúdo convivem harmonicamente, embora não haja crescimento significativo em nenhum dos dois” (Zimerman, 1995, p. 166). O *vínculo parasitário* surge quando o objecto produzido por ♀ e ♂ destrói ambos, sendo a incoerência um exemplo desta situação (Symington & Symington, 1997/1999). Relativamente ao *vínculo simbiótico* este designa “(...) um harmónico e produtivo convívio recíproco entre as partes” (Zimerman, 1995, p. 65), influenciando-se assim reciprocamente. Na perspectiva de Bion o vínculo simbiótico promove a capacidade de expressão, sendo mutuamente benéfico para ♂ e ♀; no sentido da existência deste tipo de vínculo na interacção continente-conteúdo, Fleming (2003) refere que, para Bion, o vínculo K deverá predominar. Deste modo, a transformação bem sucedida de uma emoção dolorosa intolerável numa emoção tolerável e pensável dependerá do tipo de relação ♀♂ e das qualidades transformadoras do ♀ (*op. cit.*).

É em Florence Guignard (1987, 1995) que se vê uma concepção do materno e do feminino como duas instâncias psíquicas bissexuais de identificação, fundamentais para o desenvolvimento psicológico do indivíduo, tendo a autora designado-as por *materno primário* e *feminino primário*. O materno e o feminino primário são descritos como sendo “dois espaços de intimidade que vão constituir o teatro dos fantasmas originários, respectivamente dos fantasmas da vida intra-uterina e de castração, para o materno primário, e os fantasmas de sedução e da cena primitiva para o feminino primário (...), cada um deles dando uma coloração específica às relações de objecto, às identificações projectivas e às fantasias ulteriores do sujeito” (Guignard, 1995, p. 9).

Guignard (1987, 1995) sustenta, no referencial bioniano, a compreensão do materno primário – este surge como um espaço emocional, apenas fazendo sentido quando enquadrado numa relação, na qual surgem os primeiros vínculos de Amor (L), Ódio (H) e Conhecimento (K) e os seus correspondentes negativos (-L), (-H) e (-K). O materno primário é o primeiro espaço psíquico a desenvolver-se no bebé, organizando-se por volta dos 2/3 primeiros meses de vida, sendo indispensável ao nascimento psíquico e à formação de um funcionamento de base (Bégoïn-Guignard, 1987). Este funcionamento de base é construído a partir de mecanismos elementares de troca entre o exterior e o interior, concorrendo para isto, enquanto

mecanismos psicofisiológicos inatos, a projecção e introjecção, bem como a clivagem e identificação projectiva normal, enquanto produto das primeiras relações identificatórias pós-natais (Guignard, 1995). Acresce salientar que o modelo continente-conteúdo (cuja interacção possibilita, como vimos, o desenvolvimento emocional mútuo ou a destruição e esvaziamento de significado, consoante a característica do vínculo) é sustentado pelo mecanismo de identificação projectiva normal (Symington & Symington, 1997/1999).

A capacidade de *rêverie* materna constitui-se como o protótipo da capacidade de identificação projectiva normal da criança, bem como da sua capacidade de pensar ou *função α* . “A função α actua nos dados da experiência emocional global da pessoa, que incluem os que resultam do input sensorial de fontes internas e externas. Torna a experiência emocional compreensível e com significado, ao produzir elementos α constituídos por impressões visuais, auditivas e olfactivas que são armazenadas na memória, utilizáveis no sonho e no pensamento vigil inconsciente” (Symington & Symington, 1997/1999, p. 83). Desta forma, na teorização bioniana sobre o pensamento, a função α exerce-se sobre elementos psíquicos muito arcaicos, relativos a etapas precoces do desenvolvimento do pensamento, que foram designados por Bion como *protopensamentos* ou *elementos β* - impressões sensoriais e experiências emocionais muito primitivas, que não se prestam a ser utilizadas como pensamentos propriamente ditos, mas sim a serem evacuadas através da identificação projectiva (Zimerman, 1995). Assim, estas impressões sensoriais e experiências emocionais permanecerão inalteráveis, enquanto elementos β , se a função α não se mostrar devidamente operacional (Bion, 1962/1991).

Através da identificação projectiva normal e da clivagem o bebé projecta a sua experiência emocional básica, os elementos β que, por serem insuportáveis, têm de ser evacuados para o objecto/mundo externo. A existência de um objecto externo adequado (mãe) supõe que este seja capaz de conter e desintoxicar essas projecções. Assim, os elementos β são projectados para dentro da mãe e deverão, como vimos, ser desintoxicados pela sua capacidade de *rêverie*, ou seja, pela sua capacidade de intuir e pensar o sofrimento do bebé e de lhe atribuir um significado emocional; estes elementos β transformam-se em *elementos α* , utilizáveis na experiência emocional do pensar, pois constituem a matéria-prima a partir da qual se constituem e desenvolvem os pensamentos propriamente ditos (Zimerman, 1995). Os elementos α , possíveis de serem processados, serão depois reenviados para o bebé e introjectados por ele. A introjecção de alguns elementos da função α materna possibilita que a criança seja progressivamente capaz de architectar a sua própria função α . Deste modo, a função α transformadora, inicialmente desempenhada pela mãe, passa a poder ser

desempenhada pelo bebé, à medida que proliferam as ligações entre elementos α no seu psiquismo (Cabral, 1998). Desta forma, aquando de um correcto desenvolvimento do bebé, este internalizará progressivamente boas experiências da relação com a sua mãe, nas quais se inclui uma mãe (contínente) receptiva e metabolizadora dos elementos projectados pelo bebé (conteúdos) para dentro dela, sendo que, para tal acontecer, está subjacente a acção adequada da função α materna (Grinberg, Sor & Bianchedi, 1991). Assim, é o exercício da função α que possibilita a transformação da experiência emocional básica em pensamento, permitindo o crescimento psíquico.

Em síntese, a função da capacidade de *rêverie* materna não é a de eliminar o sofrimento mental do bebé mas sim tornar este mais tolerável, facultando um modelo identificatório de sujeito pensante, possível de ser introjectado. A partir da experiência precoce de ser acolhido pela função materna e de ver os seus conteúdos transformados, constitui-se no interior do sujeito a função α , que irá dar origem ao pensamento, suportado pela dinâmica ♀♂ , desta feita ocorrendo no interior do sujeito, num processo de comunicação entre o sujeito e os seus objectos internos. A função α vai, então, sendo desenvolvida numa relação entre uma mãe e um bebé em sintonia um com o outro. O descrito permite o acesso a uma verdadeira vida psíquica, sendo o espaço do materno o espaço dos elementos estruturantes do sentimento de Ser/Identidade do Eu.

No entanto, a capacidade de simbolização propriamente dita só nasce com a separação em relação ao objecto primário, aquando do advento da posição depressiva; na posição esquizoparanóide vive-se em colagem ao materno, na indiferenciação, numa lógica pautada pela bidimensionalidade. Se a mãe não conseguir suportar as projecções destrutivas do bebé o caminho percorrido é o oposto ao necessário para o desenvolvimento de um pensamento evoluído, em que as pulsões destrutivas projectadas não são desintoxicadas e a dor sofrida permanece desprovida de significado (Symington & Symington, 1997/1999). Se ocorrer um bloqueio do sujeito ao nível do materno primário inviabilizam-se os movimentos do Ser Como e do Ser Com, só possíveis com o acesso do sujeito ao espaço do feminino primário.

O feminino primário organiza-se por volta do quarto mês de vida, sendo o espaço psíquico que decorre das primeiras experiências de triangulações (Guignard, 1995). Segundo esta autora é o feminino primário que permite a transição para a posição depressiva, tendo por base o declínio da relação dual e o desenvolvimento da relação triangular. Desta forma, na constituição do feminino primário, assiste-se à complexificação e reorganização das relações do bebé, quer nas suas vertentes narcísicas, quer objectais (*op. cit.*). O espaço do feminino primário possibilita ao bebé, por via dos fantasmas originais de sedução e da cena primitiva, o

desenvolvimento da sua capacidade de distinguir e de enunciar a diferença, remetendo para as identificações secundárias, em que reinam as tendências elaborativas e reparativas características da posição depressiva, realizando-se finalmente o Ser Como e o Ser Com, na relação com o objecto diferenciador e complementar - o masculino – de modo que “o materno-feminino abre e fecha o ciclo do ser, da relação, do crescimento e da expansão mental; o masculino continua a perpetuá-lo, contendo-o sempre” (Marques, 1996, p. 49).

Para que ocorra uma saudável relação entre o mundo interno e externo, com o desenvolvimento de um pensamento evoluído, é importante referir que Bion assinala como fundamental a ocorrência de um outro tipo de interacção: a *oscilação dinâmica entre as posições esquizoparanóide e depressiva (Ps ↔ D)* (Cabral, 1998). Zimerman (1995) refere que Bion concebeu algumas modificações na formulação original destes conceitos kleinianos, nomeadamente ao não considerar que exista uma evolução linear da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, já que ambas estão numa permanente interacção que persiste ao longo da vida. Contudo, Bion sustenta que é a gradual consolidação da posição depressiva que vai permitir a formação de *símbolos (op. cit.)*.

Segundo Segal (1957/1991), são as primeiras projecções e identificações efectuadas entre o bebé e a mãe que constituem o início do processo de formação dos símbolos e da potencial capacidade de pensar. Esta autora estabelece uma distinção entre a formação de símbolos na posição esquizoparanóide, a que dá a designação de *equação simbólica*, e a formação de símbolos na posição depressiva, que designa por *símbolo propriamente dito*. Na equação simbólica o símbolo é confundido com o objecto, sendo aquela utilizada ao serviço da negação da ausência do objecto ideal ou como forma de controlar um objecto persecutório (*op. cit.*). Segundo Mancia (1990/1992), o aparecimento da posição depressiva assinala a passagem maturativa essencial da criança, permitindo que esta tolere a falta do objecto tendo a possibilidade de o representar, ou seja, simbolizar.

Desta forma, a posição depressiva confere ao indivíduo a capacidade para gerir a ausência e conhecer a realidade (Dias, 1998). Nesta linha de pensamento, Bion diz-nos que a capacidade de comunicação simbólica é suportada por aquilo que o autor chama de capacidade de realização negativa, a qual é “a capacidade de expansão simbólica da mente humana” (Rezende, 1998, p. 54). Segundo Dias (1999), a capacidade de realização negativa e a capacidade simbólica são indissociáveis, na medida em que o símbolo, tendo origem na identificação projectiva, é o nada em forma de pensamento. Assim, é a capacidade de realização negativa que organiza a relação do sujeito com o mundo externo e interno, estruturando a actividade de pensar (*op. cit.*). Deste modo o aparelho para pensar os

pensamentos e a função simbólica desenvolvem-se precisamente para preencher o vazio e a frustração deixados pela não satisfação do desejo e pela ausência do objecto.

Importa então referir que Bion formula “(...) uma hipótese fundamental, a hipótese de que os pensamentos preexistem à capacidade de pensar. (...) Mas antes que verdadeiramente se constitua este aparelho de pensar, os pensamentos terão primeiro de prosseguir um certo desenvolvimento. (...) O desenvolvimento dos pensamentos passa por várias fases que vão dos protopensamentos originais à formação de pré-concepções, de concepções e por fim aos pensamentos propriamente ditos” (Bizot, 1985/2005, p. 126). Os protopensamentos são, como vimos, impressões sensoriais e vivências emocionais muito primitivas das quais o bebé tenta libertar-se. A *pré-concepção* constitui-se como uma expectativa inata do seio e é a combinação desta com uma realização/satisfação (experiência real do seio) que originará uma *concepção* (Bizot, 1985/2005). Após as primeiras experiências de satisfação do bebé o *pensamento propriamente dito* surgirá do “desencontro da pré-concepção com o seio real e da sua combinação com uma frustração” (Bizot, 1985/2005, p. 127), desenvolvendo-se posteriormente um aparelho para pensar estes pensamentos. Daqui se depreende a importância dada por Bion à questão da (in)tolerância à frustração.

Segundo Grinberg, Sor e Bianchedi (1991), é importante referir que Bion considera a tolerância à frustração como uma capacidade inata do bebé, logo de grande importância no processo de formação de pensamentos e da capacidade de pensar. De acordo com Bion (cit. por Symington & Symington, 1997/1999) existe a possibilidade de uma dupla reacção face a um desejo não satisfeito, que mobilize um estado de sofrimento emocional. A frustração pode originar uma atitude de fuga ou, pelo contrário, pode ser tolerada o tempo suficiente para que a função α possa operar sobre esta, sendo transformada em pensamento. Caso a capacidade de tolerar a frustração seja insuficiente, o desenvolvimento do aparelho de pensar será substituído pelo desenvolvimento de um mecanismo de identificação projectiva hipertrofiado (Bizot, 1985/2005). Desta forma, para Bion, o pensamento desenvolve-se na frustração devida à ausência do objecto, desde que esta ausência se constitua como uma frustração tolerável. Portanto, é com base na tolerância à frustração/capacidade de realização negativa do sujeito e com base na aptidão da mãe para a *rêverie* que se funda a possibilidade da constituição de um aparelho para pensar os pensamentos (logo, da capacidade de pensar), condição essencial à estruturação do psiquismo humano.

2.2. - Toxicoddependência -

Segundo diversos autores (e.g. Olievenstein, 1987/1990; Khantzian, 2003; Cabral, 1998; Magalhães, 2008) uma característica comum aos toxicodependentes é a manifesta incapacidade destes sujeitos em lidar com a dor mental e a frustração. Esta intensa dor mental do toxicodependente foi abordada por Claude Olievenstein (1987/1990), que encara a toxicoddependência como um fenómeno psíquico activo, pois é procurado e desejado. Este autor concebe a existência, no sujeito toxicodependente, de uma espécie de falta fundamental, referindo-se esta a uma falha arcaica muito difícil de tolerar, responsável pelo estabelecimento de uma dualidade prazer/sofrimento na mente do sujeito, em que só a intensidade da dor consegue justificar o elevado nível de prazer procurado. Olievenstein diz-nos ainda que o confronto do toxicodependente com esta falta maior e fundamental é o que este mais teme.

Assim, e neste sentido, Khantzian (2003) defende que os toxicodependentes recorrem à droga precisamente para tentarem lidar com este enorme sofrimento, encontrando na droga um recurso para suportar a dor e alterar os seus sentimentos. Esta conceptualização foi designada pelo autor como *hipótese de auto-medicação*, na qual se teoriza que as diferentes substâncias tóxicas permitem o alívio do sofrimento, ocorrendo um significativo grau de especificidade farmacológica que motiva o seu uso preferencial, como forma de lidar com a dor mental e as dificuldades emocionais (*op. cit.*).

É nesta linha de pensamento que encaramos os contributos de Cabral (1998), referindo esta autora que os toxicodependentes manifestam a impossibilidade de viver a dor mental, e de Magalhães (2008) para quem “a dor mental constitui então uma característica da condição do humano e o indivíduo que consome drogas regularmente (...) apresentar-nos-ia uma forma particularmente eficaz de iludir essa dor, conseguindo, através do encontro com o produto o triunfo sobre essa condição” (p. 69). Por sua vez, Dias (1996, cit. por Cabral, 1998), defende que o modo de funcionamento toxicodependente parece dever-se a uma perturbação do aparelho mental que não permite pensar o não objecto, devido à intolerância à frustração. É neste sentido que retomamos novamente as palavras de Magalhães, segundo a qual “a tolerância à capacidade de realização negativa (...) depende da capacidade de tolerância à dor mental implicada na consciência do desamparo, que é condição de todo o humano. Pensa-se para elaborar esta condição (...) Se assim não for, não há mesmo lugar algum para o objecto” (p. 70/71).

Torna-se então importante mencionar a questão do pensar e da simbolização nestes indivíduos. Assim, a capacidade para pensar e simbolizar nos sujeitos toxicodependentes está

muito perturbada, acarretando inclusivamente consequências ao nível da linguagem no seu pleno carácter simbólico (Magalhães, 2008). Vieira (2001) diz-nos que um dos objectivos da transformação, subjacente à acção da função α , é conferir um significado à acção, simbolizando-a, uma vez que “o agir toxicodependente é sempre uma dessimbolização da acção” (p. 25). Estes défices na simbolização são de tal forma evidentes que Wurmser (1974, cit. por Khantzian, 2003) destaca a hipo-simbolização como uma das características mais marcantes dos indivíduos com problemáticas aditivas.

Em estreita relação com o exposto anteriormente surge Bergeret (1988), o qual defende o desenvolvimento da toxicodependência sobre qualquer tipo de estrutura de personalidade, existindo, no entanto, características de funcionamento psíquico comuns, designadamente: as *fragilidades identificatórias*, a *relevância concedida ao comportamento* e as *carências imaginárias*.

Relativamente às fragilidades identificatórias, Bergeret diz-nos que estas remetem para falhas recorrentes ao nível da relação parental, em virtude de uma marcada ausência física ou afectiva; o autor salienta que, no desenvolvimento da personalidade do futuro toxicodependente, constata-se uma incapacidade de integrar as qualidades parentais e de desenvolver, assim, uma verdadeira identidade, com marcadas consequências no plano relacional.

Para Bergeret (1988), o excessivo registo comportamental dos toxicodependentes funcionaria então como tentativa de compensação das carências afectivas referidas e de uma elevada dificuldade em utilizar o universo imaginário. Nesta lógica de prevalência do comportamento parece-nos de todo o interesse referir o contributo de McDougall (1984), dado que a autora constatou que este tipo de pacientes evita abordar psiquicamente as emergências emocionais, dispersando-as imediatamente através da acção - McDougall designou este tipo de pacientes de *desafectivos*.

No que diz respeito às carências imaginárias é importante esclarecer que, de acordo com Bergeret (1990), são as deficiências imaginárias pré-existentes que conduzem à toxicodependência, não sendo a droga que provoca o défice de imaginário nestes indivíduos. Para este autor o imaginário é o resultado de uma actividade mental e criativa, através da qual são representadas cenas fantasmáticas, respeitantes à relação do sujeito com os seus objectos significativos. Se surgirem obstáculos ao correcto funcionamento deste universo imaginário a actividade mental pode regredir em direcção a comportamentos automáticos, ocorrendo uma efectiva limitação das trocas afectivas com a realidade exterior, existindo acentuada incapacidade de adiar a satisfação do desejo aquando da relação com o Outro (Bergeret,

1988). Desta forma, a visão que o sujeito toxicodependente adota do mundo externo, e muito particularmente das relações humanas, acaba por ser frustrante (pois não existe gratificação imediata do desejo), levando os toxicodependentes a optarem por um investimento numa substância inanimada (*op. cit.*). Assim, e ainda para Bergeret (1988), a droga é encarada como uma tentativa de defesa em relação às falhas específicas do desenvolvimento psíquico.

A que se devem então estas falhas específicas do desenvolvimento psíquico nos sujeitos toxicodependentes?

Segundo Sequeira (2006), os factores familiares desempenham um papel crucial no desencadear e na manutenção da toxicodependência com “um conjunto de problemáticas que têm o seu início na infância e continuam (...) a perturbar o funcionamento mental do sujeito, o que nos coloca a questão de que estes problemas ficam por resolver e são eternamente adiados porque o sujeito não sabe lidar com o seu mundo interno” (p. 81). Paralelamente, Fleming (1995) refere que “um dos aspectos mais relevantes postos em evidência pela investigação científica tem a ver com a descoberta da existência nas famílias de toxicodependentes de carências de cuidados parentais muito precocemente” (p. 55).

A importância do materno e a sua influência na génese do fenómeno toxicómano é sustentada na posição de Young (1996, cit. por Fleming, 2005) que propõe a inadequação na relação de contenção mãe-bebé como o aspecto psicodinâmico fundamental na etiologia da toxicodependência. Esta inadequação relacional mãe-bebé pode traduzir-se numa fixação do toxicodependente na posição esquizoparanóide, apesar de ter atingido parcialmente a posição depressiva, sendo esta fixação o resultado de uma separação hostil da criança com o seio materno (Rosenfeld, 1960).

3. OBJECTIVO de ESTUDO

Com base no exposto na revisão de literatura proceder-se-á agora a uma articulação de conceitos da parte teórica *per si* e a articulação desta com a parte empírica, clarificando o objectivo do presente estudo e sustentando, na génese da capacidade de pensar, a compreensão de uma possível origem comum para as problemáticas anunciadas da condição toxicómana; como vimos, a capacidade de pensar surge, segundo o modelo bioniano, tendo por base a tolerância do sujeito à frustração e a aptidão da mãe para a *rêverie*.

Conforme explicado anteriormente, os conceitos de frustração e pensamento surgem, para Bion, intimamente associados. É a combinação de uma pré-concepção com uma frustração que origina um pensamento, sendo a tolerância à frustração um factor essencial no desenvolvimento da capacidade de pensar (Fleming, 2003).

No capítulo anterior ficou bem patente o consenso generalizado, entre os principais autores que se dedicaram ao estudo dinâmico da toxicodependência, sobre o défice na capacidade de tolerância à frustração neste tipo de indivíduos, havendo inclusivamente quem defenda que o seu modo de funcionamento se deve a uma perturbação do aparelho mental, que não permite pensar o não objecto, devido precisamente à intolerância à frustração (Dias, 1996, cit. por Cabral, 1998). Segundo Cabral (1998), a droga assume a função de eliminar toda a dor associada à frustração, originando um corte na relação dinâmica $P_s \leftrightarrow D$, impedindo desta forma o desenvolvimento do pensamento; intrinsecamente ligada a esta função está a capacidade da droga em permitir, como já vimos, a gratificação imediata do desejo, levando os toxicodependentes a optarem pelo seu investimento, em detrimento das relações humanas.

Neste sentido, e de acordo com a *hipótese de auto-medicação* de Khantzian (2003), podemos assim encarar a droga como o meio privilegiado que o toxicodependente dispõe para evitar o confronto com a falta maior e fundamental, conceptualizada por Olievenstein (1987/1990); a descrição deste autor sobre o receio do toxicómano face à falta maior e fundamental, pode corresponder, em termos bionianos, à emergência da dor mental insuportável, característica nestes sujeitos: a droga actua então de forma a anestesiar esta dor mental dos toxicodependentes, sendo de supor que interfira no processo de ligação/separação entre elementos conscientes e inconscientes, anulando as diferenças percebidas entre Eu e Outro/mundo interno e mundo externo, diferenças estas promotoras de frustração. Concomitantemente a esta anestesia mental provocada pela droga, poderá assistir-se a uma paralisação de todo o fluir emocional, isto é, todos os vínculos emocionais, independentemente da sua natureza, ficam inertes, o que vai ao encontro da concepção de

McDougall (1984), que realça o excessivo registo comportamental dos toxicod dependentes devido ao evitamento das emergências emocionais.

Qual a origem desta falta maior e fundamental, descrita por Olievenstein, nos sujeitos toxicod dependentes? A que se deve esta emergência lacerante da dor mental nestes sujeitos, tida como insuportável? Onde se situam as falhas específicas de desenvolvimento psíquico nestes sujeitos, referidas por Bergeret (1988), e que levam a que a droga seja encarada como uma defesa? Pensamos que se assume como essencial um olhar aprofundado sobre o outro factor que, segundo Bion, é determinante na capacidade de pensar: a relação do indivíduo com o materno.

Assim, é com base nestas questões, e no seguimento da posição já apresentada de Young (1996, cit. por Fleming, 2005), que se sustenta o objectivo deste estudo: aceder e proceder à compreensão do espaço psíquico do materno/feminino nos sujeitos toxicod dependentes, no sentido de encontrar aqui respostas às questões formuladas. Como vimos, a transformação bem sucedida de uma experiência emocional básica em pensamento, reveladora de crescimento psíquico, depende, no que respeita ao espaço do materno/feminino, do tipo de relação continente-conteúdo, do exercício da função α e da oscilação dinâmica entre as posições esquizoparanóide e depressiva.

No que diz respeito à relação continente-conteúdo, e em consonância com a fuga/evitamento do pensar sobre as experiências que originam dor psíquica, adoptada pelo sujeito toxicod dependente como forma privilegiada de lidar com a frustração, é de supor a inexistência de um continente suficientemente adequado e disponível para conter os conteúdos angustiantes nesta dinâmica de fuga à compreensão da experiência emocional, revelando um vínculo negativo. Adicionalmente, e dado que uma interacção saudável e dinâmica a este nível só pode surgir no âmbito de experiências humanas inter-psíquicas (objectos externos) e intra-psíquicas (objectos internos), não será de esperar a ocorrência dominante de um vínculo simbiótico, pois os toxicod dependentes, como já referido, optam pelo investimento numa substância inanimada em detrimento das relações com o/um Outro. Esperamos assim encontrar uma relação continente-conteúdo deficitária, com a possibilidade de existência de um vínculo comensal mas, principalmente, com a predominância de um vínculo parasitário (assumindo que a dor mental intolerável característica dos toxicod dependentes deriva de falhas severas nesta relação).

Relativamente à oscilação dinâmica entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva ($Ps \leftrightarrow D$), e de acordo com o esperado para a relação continente-conteúdo, esperamos encontrar uma perturbação efectiva nesta oscilação com preponderância dos

fenómenos de dispersão e confusão psíquicas, próprias do funcionamento da posição esquizoparanóide, não ocorrendo uma adequada ligação com o processo psíquico integrativo, característico do acesso à posição depressiva, onde poderiam ser elaborados novos pensamentos, de abstracção crescente.

No que respeita à função α , não se pode dissociar o seu estudo da oscilação $Ps \leftrightarrow D$ uma vez que a capacidade simbólica só adquire pleno carácter com a consolidação da posição depressiva. Assim, esperamos encontrar mais frequentemente uma situação de falência da função α enquanto processo transformador, própria de um registo de funcionamento psíquico em que se verificam grandes lacunas na compreensão das experiências emocionais vividas, em que os elementos β , enquanto impressões sensoriais sem significado, não são em grande parte transformados em elementos α - elementos participantes na formação dos pensamentos propriamente ditos.

A metodologia projectiva permite compreender a essência dos processos internos mobilizados pelo sujeito, alcançando assim o seu funcionamento mental. Utilizando o método Rorschach é possível observar este funcionamento psíquico do sujeito, através do compromisso entre as solicitações latentes do instrumento e a dinâmica interna daquele – a situação Rorschach possibilita-nos avaliar se, no confronto do sujeito toxicodependente com o estímulo sensorial (mancha), tido portanto como elemento β que impõe um trabalho de procura de coerência/ordenação interna, existe ou não um continente que permita atribuir uma significação à experiência emocional gerada, acolhendo-a, integrando-a, articulando-a e transformando-a, originando conteúdos criativos (respostas) através de movimentos desadaptativos/adaptativos e regredientes/progredientes, expondo desta forma o trabalho da função α e uma oscilação $Ps \leftrightarrow D$ saudável, com a formação do símbolo; esta criação só pode ser entendida no âmbito de uma comunicação do sujeito com os objectos externos e internos (Marques, 1999), num processo promotor da reactualização das suas vivências precoces, fundadas no espaço do materno/feminino.

Abordaremos então o Rorschach numa perspectiva diferente da que habitualmente é utilizada (lógica da psicopatologia estrutural/diagnóstico diferencial), no sentido de aceder a estas dinâmicas específicas, não reveladas pela abordagem clássica do instrumento; a análise do instrumento será assim adaptada, através da elaboração de procedimentos com base nas características da técnica, de modo a apreender as dimensões da realidade psíquica em estudo.

4. METODOLOGIA

4.1. *Modelo de Estudo*

Em termos genéricos podemos definir os estudos como sendo quantitativos ou qualitativos; a diferença fundamental entre ambos é que enquanto os primeiros privilegiam a explicação e controlo, os últimos incidem sobre a compreensão aprofundada das inter-relações existentes (Stake, 1995). Dado que o presente trabalho se insere no âmbito dos estudos qualitativos, consideramos importante referir as suas principais características.

A grande vantagem dos estudos qualitativos reside na visão que adoptam dos sujeitos, tidos na sua especificidade e autenticidade; torna-se assim fundamental a atitude interpretativa assumida pelo investigador, que procede a uma análise compreensiva dos resultados com vista a perceber o que sucede no “setting” natural (*op. cit.*). De facto, e ainda segundo o mesmo autor, este tipo de estudo não é sustentado pela explicação causa-efeito mas sim pela interpretação, tendo sempre em consideração o contexto e o tratamento holístico dos fenómenos envolvidos.

Deste modo, o interesse dos estudos qualitativos reside na forma como os sujeitos observam e descrevem o seu mundo pois a investigação qualitativa “salienta a construção social da realidade (...) e os constrangimentos sociais que dão forma à inquirição.” (Ribeiro, 2007, p.65); é assim que o estudo de caso, enquanto investigação qualitativa por nós utilizada, assume como principal prioridade a compreensão exaustiva da situação em questão, com vista à maximização do que poderá ser apreendido com o estudo (Stake, 1995) e a análise narrativa a efectuar, enquanto abordagem de investigação qualitativa, constitui-se como uma técnica onde “as narrativas que os indivíduos usam na explanação do dia a dia são uma fonte rica dos significados que trazem para as suas experiências (...) em que o texto é examinado como uma história com uma estrutura interna e uma ordem temporal (...)” (Ribeiro, 2007, p.70).

4.2. *Método Rorschach*

Como já referido anteriormente, optámos pelo método Rorschach, no âmbito da metodologia qualitativa projectiva, com vista à prossecução dos objectivos anunciados. O instrumento é constituído por dez cartões brancos contendo manchas de tinta centralizadas, de cores variadas de cartão para cartão (cinzento-escuro; negro e vermelho; cinzento; pastel), com diversos níveis de esbatimento, todas organizadas de forma simétrica em torno de um

eixo central (Chabert, 1997/1998). Num primeiro momento são apresentados os dez cartões ao sujeito, seguindo uma ordem específica, em que o objectivo reside na sua interpretação dos mesmos, com base numa instrução simples – “O que é que isto poderia ser?” (Marques, 1999). Posteriormente, procede-se ao inquérito que consiste numa nova apresentação dos dez cartões, respeitando a ordem anterior, a qual é antecedida por uma nova instrução que poderá ser, segundo Chabert (1997/1998), a seguinte: “Vamos agora retomar os cartões juntos; tente dizer-me o que o fez pensar naquilo que evocou. Claro que se lhe ocorrerem outras ideias, poderá sempre dizer-me” (p.47). Por último, procede-se à chamada prova das escolhas em que o sujeito escolhe os dois cartões que gostou mais e os dois que menos gostou, justificando. Todas as respostas do sujeito são registadas o mais fielmente possível, sendo posteriormente codificadas e analisadas.

No presente estudo adoptaremos, na análise compreensiva a efectuar das narrativas Rorschach, o modelo estabelecido pela Escola Francesa de Psicanálise que se funda, segundo Marques (1999), numa “conformidade e coerência entre teoria e metodologia” (p. 17), e que se sustenta nos trabalhos de Rausch de Traubenberg e Catherine Chabert.

Rausch de Traubenberg conceptualiza o Rorschach como um espaço de interacções entre a percepção e o fantasma, devendo ser compreendido nos seus vários elementos (características do estímulo, valor simbólico dos cartões, instrução, componente das respostas e processo-resposta Rorschach) e na passagem do perceptivo para o projectivo, de modo que “todos estes elementos impõem ao sujeito movimentos que vão do perceptivo, do percebido e da realidade ao projectivo, ao subjectivo e à vivência, revelando a relação do sujeito ao mundo interno e externo” (Marques, 1999, p.180). Estes movimentos perceptivos e projectivos reflectem assim as problemáticas do sujeito, que se espelham, segundo Chabert (1997/1998), em modalidades de relação específicas, estabelecidas com o investigador, e que influenciam o processo de construção das respostas. É neste sentido que esta autora sublinha a importância dos fenómenos de transferência e contratransferência pois “podemos conservar na noção de fenómenos transferenciais em situação projectiva numa dupla direcção: antes de mais, como mecanismo de deslocamento que permite a expressão de conteúdos inconscientes através da mediação do material fornecido; de seguida, na reactivação, no curso da aplicação, de modalidades relacionais particulares cuja referência latente se refere às figuras parentais” (Chabert, 1983, p.17, cit. por Marques, 1999, p.181).

Catherine Chabert faz incidir a compreensão do Rorschach, baseando-se nos pressupostos psicopatológicos, como método privilegiado de acesso ao funcionamento psíquico, à luz do modelo psicanalítico, em que, para efeitos de análise, considera a relação

entre o conteúdo manifesto e latente das manchas, privilegiando o estudo das ligações que se estabelecem entre a percepção, a representação e os afectos, as oscilações que ocorrem entre o processo primário e o processo secundário, bem como a regressão, os conflitos e os mecanismos de defesa (Chabert, 1995, cit. por Marques, 1999).

No que diz respeito ao conteúdo manifesto dos cartões destaca-se o contributo de Rausch de Traubenberg (1970/1990, cit. por Chabert, 1997/1998), a qual propõe duas dimensões fundamentais do estímulo – estrutural (construção formal dos cartões) e sensorial (elementos cromáticos). Relativamente à dimensão estrutural os cartões podem ser unitários (I, IV, V, VI e IX), com simetria em torno de um eixo manifesto ou bilaterais (II, III, VII e VIII), sendo que nestes a simetria se torna mais evidente na repetição de um duplo. Em termos formais é ainda possível agrupar os cartões em fechados (I, IV, V e VI) ou abertos (II, III, VII, VIII, IX e X). Em relação à dimensão sensorial distinguem-se os cartões cinzento-escuros (I, IV, V e VI), os negro-vermelhos (II e III), o cinzento (VII) e os pastel (VIII, IX e X). A importância destas duas dimensões é-nos dada por Chabert (1997/1998), para quem “(...) a apreensão da construção formal é, de uma maneira clássica, considerada numa perspectiva perceptiva e cognitiva dita “intelectual”, e a sensibilidade às cores está empiricamente associada à expressão dos afectos” (p.54).

No que concerne ao conteúdo latente dos cartões, Chabert (1997/1998) torna a análise refém de uma dupla orientação: eixo da *representação de si* (suportado pela análise dos cartões que solicitam a problemática da identidade e a problemática da diferenciação sexual) e eixo da *representação da relação* (englobando a imagem materna e as relações de objecto de amor e ódio, permitindo evidenciar o registo conflitual e o nível de desenvolvimento libidinal).

Em relação ao eixo da representação de si, há a salientar a estimulação de um movimento projectivo da imagem do corpo, com base na construção simétrica dos cartões em torno de um eixo médio, sendo esta estimulação conseguida sobretudo nos cartões compactos, dado que os cartões dispersos oferecem menos referências estáveis. Assim, por exemplo, no cartão I, fechado e organizado em torno de um eixo central claramente estabelecido, em que a expressão da banalidade testemunha a correcta integração da unidade corporal, será mais fácil organizar a imagem corporal do que no cartão X, disperso, em que as capacidades de unificação e integridade corporal do sujeito são postas à prova.

É em estreita relação com esta imagem/esquema corporal que se desenvolve o sentimento de identidade, que pressupõe o reconhecimento de pertença ao mundo humano e a diferenciação sujeito/objecto. Uma problemática a este nível pode traduzir-se em

representações de duplos ou em conteúdos reveladores de imagens híbridas com confusão entre reinos. A problemática identitária pode surgir nos cartões compactos, nomeadamente o cartão V, tido como o cartão da identidade, que pode manifestá-la muitas vezes sob a emergência de investimentos narcísicos. Os cartões de configuração bilateral podem também evidenciar dificuldades identitárias, expressas através de personagens que se apresentam em duplo, ou seja, idênticas. Por fim uma referência aos cartões pastel, cujos intensos movimentos regressivos que podem originar arrastam “(...) a insuficiência do investimento de si, corolário de uma vivência de insatisfação e de falta, na relação precoce com o meio” (Chabert, 1997/1998, p.80).

Ainda relativo ao eixo da representação de si surge um registo psíquico mais evoluído, que pressupõe o acesso à identidade – a identificação, que testa o reconhecimento da diferença de sexos. Relativamente a este registo psíquico é importante referir que, no Rorschach, está sempre presente a noção de bissexualidade psíquica pois todos os cartões contêm referências a ambos os sexos; contudo, é possível evidenciar a dominância feminina/materna nalguns cartões (simbólica oca dos cartões II, VII e IX) e a masculina/paterna noutros (simbólica fálica dos cartões IV e VI). As respostas Rorschach podem situar o sujeito num espectro que se estende desde uma identificação sexual clara/firme, passando por oscilações nas escolhas sexuais, até dificuldades notórias neste registo psíquico em que surgem respostas neutras do estilo “uma pessoa” ou “uma personagem”.

Relativamente ao segundo eixo de análise do conteúdo latente – a representação da relação – Chabert (1997/1998) alerta para a interdependência existente com o eixo anterior, de modo que a representação da relação implica a representação de uma imagem de si íntegra em relação com o outro. Tendo esta interdependência em consideração, relembramos que esta autora considera existir uma reactivação, no sujeito, de modalidades relacionais referentes às figuras parentais. Onde se observam então essas modalidades relacionais com as imagens parentais, aliadas a solicitações fantasmáticas?

No que respeita à imago materna esta é mais facilmente evocada nos cartões I, VII e IX. O cartão I, pelo facto de se tratar do primeiro cartão, apela à relação com o objecto primário; as suas próprias características formais (cartão compacto, aberto na parte superior) beneficiam a representação do corpo feminino e favorecem a representação de uma imago materna pré-genital. O cartão VII, considerado o cartão materno devido ao facto de ser esbatido, aberto e oco, com promoção da interpenetração figura-fundo, pode originar respostas mais arcaicas ou mais evoluídas consoante a relação do sujeito com a imago

materna. O cartão IX, considerado o cartão uterino, de estrutura igualmente aberta e oca, com limites pouco definidos e com interpenetração das cores, favorece evocações regressivas em que a imago materna pode transparecer através de temas aquáticos ou de nascimento. De referir que os cartões IV e VI, mais propensos à evocação da imago paterna associada a imagens de força e poder, podem também, em registos psíquicos mais arcaicos, evocar uma imago materna pré-genital fálica e poderosa.

Por fim, relativamente ao eixo da representação da relação, importa ainda referir que, segundo Chabert (1997/1998), existem cartões que favorecem os aspectos relacionais, no que respeita às relações de objecto. Destacam-se assim os cartões bilaterais II, III e VII, que estimulam a emergência da relação face a face, na dupla vertente narcísica ou objectal; os cartões II e III favorecem a mobilização pulsional em termos agressivos e/ou libidinais, através da cor vermelha; e os cartões pastel, que espelham o tipo de relação que o sujeito estabelece com o meio (o cartão VIII, sendo o cartão do contacto com o mundo exterior, traduz o investimento feito pelo sujeito no meio e o cartão X revela o seu nível de separação-individuação).

Como vimos, os trabalhos de Rausch de Traubenberg e de Chabert contextualizaram o Rorschach no âmbito da Psicopatologia, a partir do modelo psicanalítico. É a partir dos trabalhos de Marques que surge uma nova compreensão do Rorschach, com a integração e articulação das teorias kleinianas e pós-kleinianas, nomeadamente a bioniana, permitindo “dotar o Rorschach com um estatuto teórico e metodológico mais claro, estabilizado e coerente, dentro dos paradigmas consagrados pela significação (...) bem como torná-lo mais sensível aos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais, sobretudo aqueles que dão conta do crescimento e da expansão mental” (Marques, 1999, p.191). Assim, da utilização redutora do Rorschach como meio de diagnóstico, passa-se, com base na introdução pela autora dos organizadores *relação, comunicação, interpretação e simbolização*, sustentados pelas dinâmicas de ligação, transformação e criação, para uma perspectiva de acesso aos processos de funcionamento psíquico, com ênfase nas mudanças e no crescimento mental, pondo a descoberto o trabalho do pensamento (Marques, 1999).

O Rorschach implica que tanto o sujeito como o psicólogo se comprometam numa *relação* dinâmica, que possibilite a criação de significações a partir da situação disruptiva provocada pelo confronto com as manchas, material que carece de significação. A *comunicação* que se estabelece entre partes do sujeito e entre o sujeito e o Outro (psicólogo e mancha) constitui-se como um processo intersubjectivo, necessário e subjacente a estes movimentos de significação que implicam um trabalho harmonioso de integração e reunião a

partir da situação caótica de desequilíbrio, provocada pelo confronto com as manchas. O movimento de atribuição de um sentido ao desconhecido da mancha só é possível com base na *interpretação*, fundada no mecanismo da identificação projectiva, a qual permite ao sujeito (novas) relações continente-conteúdo, ajustando a ordem interna a partir de processos de ligação e transformação da experiência emocional. Esta transformação da experiência emocional impõe-se através da *simbolização*, sustentada em movimentos oscilatórios harmoniosos entre dispersão e integração (oscilação dinâmica Ps↔D) que espelham o processo inerente à formação do símbolo (trabalho da função α): o carácter ambíguo da mancha impõe a passagem da equação simbólica (posição esquizoparanóide) para o símbolo propriamente dito (posição depressiva), sustentada por movimentos oscilatórios entre dispersão e integração, revelando não só o produto final – o símbolo – mas também o processo inerente à sua formação – o pensamento. As concepções bionianas sobre a capacidade de pensar surgem-nos, mais uma vez, como fundamentais ao estabelecerem a “(...) ligação entre a *formação de símbolo* e o *pensar*: a função de formação de símbolo é designada como *função α* e é ela que permite a construção de pensamentos oníricos e a transformação em linguagem (...) A formação de símbolos, que Bion liga à função α , dá conta da transformação das experiências emocionais vividas como desordem e caos em formas psíquicas, em pensamentos.” (*op. cit.*, p.227).

É assim que a mancha Rorschach, experiência emocional caótica por excelência, “terá de passar a ser designada como uma coisa diferente, através de uma imagem-conceito que é um símbolo. Esta actividade de nomeação e criação de uma imagem-conceito-símbolo, implica que se operem passagens (...) entre o dentro e o fora (...) e implica, depois, que se realize um trabalho de reunião, união e integração entre os diversos elementos internos e externos (...)” (*op. cit.*, p.234). Esta integração do mundo interno e externo é absolutamente fundamental pois se o primeiro é importante, na medida em “que *é o sujeito*, com a ajuda dos objectos internos e primários, *ao procurar ligar a experiência emocional através da função α , que cria os símbolos*” (Bion, 1967/1983, cit. por Marques, 1999, p.227), o segundo não o é menos já que “é a formação de símbolos que nos dá conta do impacto do objecto sobre o sujeito e da relação do sujeito com a realidade.” (Marques, 1999, p.233). Deste modo, a *simbolização* constitui-se como o organizador por excelência da explicitação do trabalho mental envolvido na situação Rorschach (*op. cit.*) pois “permite apreender as passagens (...) e também as transformações que se realizam *dentro* e *entre* as diversas partes do sujeito, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto e o objecto e o sujeito.” (p.236).

Desta forma, o Rorschach constitui-se como um verdadeiro método de acesso e compreensão das diferentes dimensões do sujeito, método este sustentado na tríade sujeito - “estímulo-Rorschach” – clínico, pois a resposta-Rorschach resulta do compromisso entre significações do mundo interno e externo, com a criação do símbolo, em que se espelham as relações do sujeito com os objectos, externos e internos.

5. PROCEDIMENTOS de ANÁLISE

Com base no exposto anteriormente procederemos, neste capítulo, a uma adaptação da análise do Rorschach, constituindo procedimentos de leitura do(s) protocolo(s) que nos permitam o acesso aos processos psíquicos fundados no espaço do materno/feminino; estes procedimentos incidirão então sobre os elementos de cotação das respostas (modos de apreensão, determinantes e conteúdos), o psicograma, as relações - intra e inter-cartão - entre as diferentes respostas, a relação entre a passagem espontânea e o inquerito, bem como os diferentes elementos qualitativos, de modo a revelar e compreender, no sujeito toxicodependente, a qualidade da relação continente-conteúdo, do trabalho da função α e da oscilação $Ps \leftrightarrow D$.

Em sintonia com o referido no capítulo do objectivo de estudo, e por uma questão de coerência com o postulado por Bion, entendemos proceder a uma elaboração conjunta dos procedimentos de análise, devido à inter-dependência e convergência destes três processos psíquicos nas vicissitudes da capacidade de pensar. De facto, uma boa e saudável capacidade de pensar depende, como vimos, de uma função α transformadora, de um vínculo simbiótico na relação continente-conteúdo e de uma oscilação dinâmica $Ps \leftrightarrow D$; pelo contrário, a uma incapacidade de aceder ao símbolo estarão associadas uma função α inoperante, falhas severas na oscilação $Ps \leftrightarrow D$ e um vínculo parasitário na relação continente-conteúdo. Quanto ao vínculo comensal na relação continente-conteúdo, este estará associado a uma função α incipiente e a perturbações na oscilação $Ps \leftrightarrow D$, o que pressupõe uma capacidade de pensar deficitária.

5.1. *Vínculo $\text{♀} \text{♂}$ simbiótico, função α transformadora e oscilação dinâmica $Ps \leftrightarrow D$*

A presença de variados modos de apreensão, de uma mancha Rorschach, com uma sucessão ordenada, preferencialmente, em G, D e Dd, dentro dos valores normativos, em respostas originais com boa definição formal e numa conciliação harmoniosa entre percepção e projecção, com a formação do símbolo, denotam a existência de um continente que delimita e contém, num convívio recíproco com o conteúdo, permitindo uma boa integração do vivido interno com a realidade externa (Sousa, 2008); realçam também uma função α “desintoxicante”, que possibilita movimentos de entrega ao desconhecido por parte do sujeito, com desejo de conhecer o objecto, próprio de um vínculo K, subjacente a uma boa capacidade

para pensar e à expressão do imaginário (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). A presença de poucas respostas formais de má qualidade, seguidas de respostas de boa qualidade formal, é essencial numa oscilação dinâmica Ps↔D, pois indicam a capacidade flexível do sujeito em regredir a um funcionamento caótico e dispersante, típico da posição esquizoparanóide, para posteriormente prosseguir num movimento reorganizador, de acesso à posição depressiva, com novos pensamentos de complexidade crescente (Sousa, 2008); estes movimentos regredientes (má adequação formal) a progredientes (boa adequação formal) poderão ser comprovados na sucessão de respostas a um mesmo cartão e na comparação da passagem espontânea com o inquérito de uma mesma resposta.

É fulcral que surjam grandes cinestésias (K) de natureza relacional, com conteúdos humanos reais, não associadas a pulsões sexuais/agressivas intensas, que evidenciem boa qualidade formal e bons processos identificatórios por parte do sujeito – tal manifestará uma boa capacidade de tolerar a frustração na relação com o Outro, sustentada na intersubjectividade e no equilíbrio entre o sujeito e o objecto, entre o mundo interno e externo (*op. cit.*).

Relativamente às pequenas cinestésias a sua presença deverá ser apenas pontual: a kob, que espelha sobretudo uma intensidade pulsional agressiva/sexual maciça, e a kp, muitas vezes associada a movimentos excessivamente interpretativos fundados em mecanismos mais arcaicos, poderão revelar a capacidade do sujeito em efectuar movimentos regressivos próprios de uma saudável oscilação Ps↔D, desde que reorganizados posteriormente com o acesso à posição depressiva (*op. cit.*); a kan poderá indicar o deslocamento para figuras animais de conteúdos mais perturbadores, próprio de um funcionamento mental mais arcaico, infantil, embora possa também evidenciar um imaginário rico, com capacidade de fantasiar (*op. cit.*).

Em relação aos determinantes sensoriais estes deverão estar associados a boas formas, ocorrendo maioritariamente como segundo determinante (FC, FC', FE), o que dá conta da mobilização adequada das emoções por parte do sujeito, possibilitando o investimento emocional no Outro, promotor do vínculo K. Neste sentido, o determinante Clob, intimamente associado a um elevado nível de angústia, deverá ocorrer apenas esporadicamente e sempre como segundo determinante ou, preferencialmente, em tendência, integrado numa boa forma, espelhando a capacidade do sujeito em conter e significar esta angústia (*op. cit.*).

No que respeita aos conteúdos estes deverão manifestar o significado simbólico de cada mancha, sendo o sujeito capaz de os formular numa diversidade de imagens ora mais concretas ora mais abstractas - a maioria dos conteúdos deverá evidenciar seres humanos,

inteiros e reais, em alternância com uma minoria de conteúdos mais regressivos, entre os quais conteúdos animais (Gavanha & Marques, 2009). Outro aspecto importante a ter em conta é verificar se a maioria dos conteúdos espelha singularidades face a classes, o que demonstra maior capacidade de designação da experiência emocional (Teixeira & Marques, 2009) e, conseqüentemente, uma função α mais eficiente.

O número de respostas produzidas deverá ser ligeiramente superior à norma, com ausência de recusas e em associação com parâmetros temporais dentro dos valores normativos (Sousa, 2008), evidenciando a construção de novos significados a partir do elemento sensorial (função α operante), só possível com base numa atitude de entrega e implicação para com o objecto por parte do sujeito (vínculo K). As percentagens relativas ao determinante formal deverão enquadrar-se dentro dos valores normativos, dando conta do equilíbrio na relação percepção/projecção, podendo, no entanto, ocorrer um F+% alargado acima da média. Haverá tendência para o aparecimento de um T.R.I. introversivo misto reduzido ($K > C$), com a Fórmula Complementar a variar no mesmo sentido ($k > E$), e valores dentro da média para a Reactividade Cor e o Índice de Angústia.

Finalmente, no que respeita aos elementos qualitativos (choques manifestos ou equivalentes choque como perseverações, observações cor, observações de simetria, críticas de objecto e críticas subjectivas), tidos como perturbações no processo associativo, deverão ser escassos, ocorrendo eventualmente como momentos regredientes seguidos por subsequente elaboração psíquica por parte do sujeito (adequada oscilação $Ps \leftrightarrow D$).

5.2. Vínculo $\text{♀} \text{♂}$ comensal, função α incipiente e perturbações na oscilação $Ps \leftrightarrow D$

Um protocolo onde predomine um tipo de sucessão rígido com excesso de G simples de boa qualidade formal, com poucos D e onde os Dd são raros ou ausentes, dará conta de uma atitude defensiva por parte do sujeito, num registo de funcionamento dependente da realidade perceptiva - F% e F+% elevados - e com pouca ressonância emocional, evidenciando um continente rígido, altamente impermeável, onde a interacção com os conteúdos pouco se desenvolve (Sousa, 2008). O crescimento psíquico fica assim comprometido, com empobrecimento de pensamentos simbólicos (fraca função α), em que a implicação pessoal do sujeito fica refém da falta de curiosidade e entrega, própria de um vínculo - K. Esta estagnação da articulação $\text{♀} \text{♂}$ poderá revelar-se na sensibilidade ao branco, através de respostas Dbl e Ddbl centradas na falta, no vazio, no nada, no frio e na ausência,

determinadas pela intolerância à frustração (*op. cit.*), ou de respostas G bl e D bl, indicativas de um espaço mental bidimensional (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

A ausência de articulação entre percepção e projecção, com fraca expressão desta, conduzirá a uma redução do número de cinestésias, reveladoras por excelência de mecanismos projectivos. As grandes cinestésias (K) que ocorram revelarão a existência de um imaginário pobre, fruto da grande rigidez intrapsíquica, com ausência de um investimento consistente no Outro: as relações serão assim estéreis, muitas vezes no âmbito de uma temática especular, não se constituindo uma dinâmica psíquica que tenha por base o pensar e elaborar das emergências emocionais subjacentes às experiências relacionais (Sousa, 2008).

No que respeita às pequenas cinestésias não é esperada a ocorrência de kp e kob pois, como já referido, estas resultam de intensos movimentos pulsionais, não esperados em sujeitos amplamente ancorados à realidade (*op. cit.*); quanto à kan, esta poderá ocorrer pontualmente fruto do deslocamento, para conteúdos animais, de uma angústia difícil de elaborar por parte do sujeito, permitindo alguma articulação entre elementos conscientes e inconscientes (*op. cit.*).

As respostas com determinantes sensoriais serão muito reduzidas, ocorrendo secundariamente face ao determinante formal, fruto da “asfixia” perceptiva constante que não permite uma expressão harmoniosa da tonalidade afectiva; poderão contudo ocorrer algumas respostas com determinante de cor acromática (C’), especialmente branca, na linha do que já foi referido para as respostas Dbl (*op. cit.*).

No que respeita aos conteúdos estes serão marcados pelo cunho da percepção, evidenciando um imaginário insuficientemente investido, fruto de um continente com fronteiras rígidas que permite a relação com o conteúdo mas não o crescimento recíproco. Assim, é de esperar um número excessivo de banalidades, revelador do desinvestimento do sujeito na procura de significados internos essenciais a uma capacidade simbólica eficiente (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Por outro lado, poderão surgir respostas “pele” que colocam a tónica na delimitação da superfície e no reforço das fronteiras, reduzindo o dinamismo entre continente e conteúdo (*op. cit.*). Este fraco dinamismo pode também ser evidenciado em respostas especulares/de reflexo e em conteúdos onde impera o congelamento da dor mental, por exemplo estátuas (Sousa, 2008).

O número de respostas produzidas deverá ser inferior à norma, fruto da falta de investimento do sujeito na procura e conhecimento do objecto (vínculo – K). Como já referido, os valores relativos ao F% e F+% deverão exceder os valores normativos, resultado da ditadura perceptiva que oprime a projecção e que limita a relação entre continente e

conteúdo; assim, haverá tendência para que os valores do F% alargado e F+% alargado sejam semelhantes aos valores do F% e F+%, respectivamente. Paralelamente, será de esperar o aparecimento de um T.R.I. coartativo ($K\downarrow=C\downarrow$), com a Fórmula Complementar a variar no mesmo sentido ($k\downarrow=E\downarrow$), e valores inferiores à norma para a Reactividade Cor e o Índice de Angústia.

Por último, em relação aos elementos qualitativos, poderão ocorrer recusas de cartões e equivalentes choque como excessiva manipulação dos cartões, perseverações, diminuição ou aumento do tempo de latência, críticas subjectivas, críticas de objecto e, especialmente, observações de simetria enquanto obstáculos ao fluir projectivo, precedentes ou subsequentes a respostas que revelem as características anteriormente citadas (*op. cit.*).

5.3. Vínculo ♀♂ parasitário, função α inoperante e falhas severas na oscilação $Ps\leftrightarrow D$

Um funcionamento psíquico onde reina a desorganização mental, com claro predomínio e “invasão” da projecção sobre a percepção, imperando uma lógica dominada pela posição esquizoparanóide sem acesso à posição depressiva, com falência da função α , que promove a incapacidade de conciliar os diferentes elementos psíquicos num todo significativo – símbolo – traduzir-se-á num tipo de sucessão incoerente com a ocorrência de particulares modos de apreensão patológicos como são os G confabulados - confusão entre as partes e o todo -, os G contaminados - sobreposição de imagens - e os G informulados - nomeação sem integração de diversos elementos (Sousa, 2008). Relativamente aos modos de apreensão em D e Dd estes estarão fortemente associados a más formas e a determinantes sensoriais puros, como manifestação de uma identificação projectiva patológica que sufoca a percepção, podendo igualmente expressar-se através de respostas Do, onde ocorre uma dupla restrição - perceptiva e de conteúdo – dando conta do predomínio da posição esquizoparanóide e do funcionamento débil da função α , que não permite o acesso ao todo significativo (Gavanha & Marques, 2009).

A incapacidade do sujeito em promover uma correcta integração da realidade traduzir-se-á num elevado número de respostas com determinante formal $F\pm$ ou mesmo de má qualidade formal (F-), com a emergência do processo primário, expondo sucessivos movimentos regressivos $Ps\rightarrow Ps$ e a existência de continentes psíquicos incapazes de uma contenção adequada, impossibilitando a transformação pela função α e manifestando claramente um vínculo – K (*op. cit.*).

Esta extrema precariedade do continente traduzir-se-á em respostas impressionistas, com determinante sensorial puro - ausência de continente - ou como primeiro determinante - continente altamente permeável e poroso (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009); a grande reactividade à cor manifestar-se-á especialmente no cartão II e nos cartões pastel, enquanto que as respostas Clob e E surgirão fundamentalmente nos cartões cinzento-escuro – forte angústia incapaz de ser contida (Clob) ou extrema dificuldade em estabelecer limites (E) – demonstrando, em ambos os casos, a fragilidade gritante do continente e a consequente inadequação da interacção continente-conteúdo (Sousa, 2008).

Relativamente às grandes cinestésias (K) e cinestésias animais (kan), são esperadas em número reduzido dado o empobrecimento do imaginário do sujeito, fruto da falência da função α (*op. cit.*); dada a predominância da posição esquizoparanóide, com impossibilidade de acesso à posição depressiva, estas cinestésias surgirão excessivamente interpretativas ou delirantes, acompanhadas por conteúdos desvitalizados ou desintegrados (*op. cit.*). No que respeita às pequenas cinestésias poderão surgir em número considerável, conduzindo à manifestação de kob com carácter fortemente destrutivo, fruto do intenso caudal projectivo que invade o psiquismo, e de kp bizarras, sustentadas sobretudo pelo mecanismo primitivo da identificação projectiva patológica (Gavanha & Marques, 2009).

No que respeita aos conteúdos estes deverão revelar um pensamento estéril e desorganizado, incapaz de conter a intensa angústia derivada da enorme intolerância à frustração e que se manifesta através de conteúdos anatómicos, sexuais e parciais – Hd e Ad (*op. cit.*). A fragmentação psíquica inerente à posição esquizoparanóide, que alimenta o vínculo parasitário estabelecido, manifestar-se-á através do ataque à integridade dos conteúdos, aparecendo estes despedaçados, esquartejados ou esburacados (Sousa, 2008); a invasão projectiva que aprisiona a função α pode manifestar-se também através de conteúdos irreais ou híbridos, com confusão de reinos.

Esta angústia que carece de significação poderá ser de tal modo intensa que pode conduzir a eventuais recusas por parte do sujeito, inclusivamente acompanhadas por expressão verbal da mesma (*op. cit.*). As percentagens relativas ao determinante formal deverão ser inferiores aos valores normativos, resultado da má adequação ao real por parte do sujeito. Relativamente ao T.R.I. será de esperar que este seja extroversivo, puro ou misto alargado ($K < C$), podendo a Fórmula Complementar variar no sentido contrário ($k > E$). São esperados valores superiores à norma para a Reactividade Cor e, principalmente, para o Índice de Angústia. Por último, em relação aos elementos qualitativos, também poderão ocorrer, sendo precedentes ou subsequentes a respostas que revelem as características anteriormente

citadas; de referir, contudo, que não deverão ocorrer comentários de simetria, resultantes de um excesso perceptivo e, por isso mesmo, mais em consonância com um vínculo comensal (*op. cit.*).

6. APRESENTAÇÃO dos SUJEITOS

A aplicação do Rorschach ocorreu, após consentimento institucional e individual, no UD – Centro das Taipas, no dia 11 de Fevereiro de 2010, a dois sujeitos do sexo masculino com acompanhamento psicológico no referido Centro.

Com a breve apresentação dos sujeitos que se seguirá, a partir dos dados clínicos disponibilizados, pretendemos assinalar os momentos mais relevantes, da respectiva história de vida, para o presente estudo, realçando o elo comum que os une: uma relação muito semelhante com o (tipo de) tóxico.

Paulo (33 anos)

O Paulo relata abusos de álcool a partir dos 18 anos de idade, tendo iniciado aos 19 anos o consumo de haxixe e, aos 21 anos, de heroína e cocaína.

O Paulo deixou de consumir durante 2 anos, entre os 29 e os 31, altura em foi casado. Após o divórcio entrou em depressão e retomou os consumos, tendo iniciado as consultas no UD – Centro das Taipas em Julho de 2009, não consumindo desde então.

Terminou recentemente uma relação afectiva de 1 ano com outra mulher, descrevendo-a como “demasiado sufocante” e referindo que as mulheres são só para “se ter umas aventuras”...

O Paulo refere que a relação com os pais é difícil, especialmente com a mãe – foi posto fora de casa aos 16 anos, precisamente por incompatibilidades com a mãe. O Paulo tem frequência universitária em Antropologia sendo descrito pela psicóloga que o acompanha como uma pessoa ansiosa. Revelou uma postura descontraída durante a prova.

Frederico (40 anos)

O Frederico iniciou os consumos aos 15 anos, com cannabis, passando a consumir heroína e cocaína com regularidade a partir dos 17 anos.

Iniciou as consultas no UD – Centro das Taipas em 2000, tendo parado de consumir entre os 32 e os 38 anos de idade, altura em que teve uma recaída, no dia da Mãe, interrompendo as consultas.

Aquando da recaída inicia uma relação afectiva com uma mulher mais velha que o apoia; 6 meses após a recaída, e pressionado pelos pais, retoma as consultas, não consumindo qualquer droga desde há 1 ano.

O Frederico tem o 12º ano e está desempregado, vivendo com os pais, juntamente com o seu filho de 7 anos, fruto de uma relação anterior; descreve a relação com os pais como sendo “ótima”.

Apresentou uma postura defensiva durante a aplicação apenas se mostrando curioso face ao instrumento durante a prova das escolhas.

7. ANÁLISE dos PROTOCOLOS

Este capítulo incidirá sobre a análise dos dois protocolos Rorschach, à luz dos procedimentos de análise elaborados, aplicados aos sujeitos anteriormente apresentados; esta análise será baseada, primeiramente, nas respostas dadas pelos sujeitos, cartão a cartão, seguida da análise dos respectivos psicogramas.

7.1. ANÁLISE do PROTOCOLO A (Paulo)

Análise das respostas cartão a cartão

Cartão I

No confronto com o estímulo Rorschach o Paulo manifesta uma entrada directa na expressão (tempo de latência de 2 segundos, correspondendo a um equivalente choque) através de uma ancoragem perceptiva imediata em G que, associada a uma forma correcta sustentada pela banalidade “*Borboleta*”, revela a capacidade de delimitar um continente. Este apego extremo à realidade externa mantém-se mesmo quando se evidencia alguma instabilidade do continente psíquico que, não sustentando o conteúdo “*Borboleta*”, se relaciona com outra imagem-conceito referente, também ela, a uma localização global da mancha e correspondendo, igualmente, a um conteúdo banal – “*morcego*”; a utilização da precaução verbal “*parece*”, bem como o movimento de aproximação ao técnico – “*Peço desculpa*” – traduzem a preocupação do sujeito em conciliar a imagem-conceito com a realidade perceptiva do cartão, sustentada num apoio no Outro que confere estabilidade à relação continente-conteúdo.

Assim, perante um cartão que remete simbolicamente para a capacidade de lidar com o desconhecido (situação Rorschach), o sujeito submete-se a uma ditadura perceptiva, própria de um vínculo comensal na relação continente-conteúdo, que não permite a curiosidade nem a exploração consistente do objecto (apreensão exclusiva em G), expondo as dificuldades na realização de movimentos de entrega ao desconhecido, próprios de um vínculo K.

Contudo, no inquérito, o Paulo mobiliza a função α para a construção de uma resposta que concilia harmoniosamente elementos perceptivos da mancha, “*Aqui as asas*”, com elementos projectivos inconscientes, veiculados através do conteúdo humano irreal

“*Batman*”. Assiste-se assim a uma oscilação dinâmica Ps ↔ D na evolução da passagem espontânea para o inquérito (borboleta → morcego → Batman), sustentada num claro movimento de aproximação (“*Faz lembrar*”) ao símbolo que sela o estabelecimento de um vínculo simbiótico entre continente e conteúdo: de referir, a título de comentário, que o morcego constitui, *efectivamente*, o símbolo do Batman.

Cartão II

Em claro contraste com o cartão anterior o tempo de latência é longo (24 segundos), culminando numa única resposta banal precedida pela precaução verbal “*Parecem*”, o que poderá indiciar as dificuldades do sujeito em lidar com a angústia suscitada por este cartão; relembramos que o cartão II, de configuração bilateral e cromático (vermelho), solicita a capacidade do sujeito em relacionar-se afectivamente com um Outro, diferente mas complementar, integrando harmoniosamente as pulsões agressivas/libidinais. De facto, Paulo, perante o impacto do estímulo, procede ao deslocamento para um conteúdo animal da pulsão libidinal, expressa na relação erotizada “*a darem as mãos*”.

Assim, apesar de proferir uma imagem-conceito bem adaptada formalmente, de natureza relacional e de qualidade cinestésica, o que espelha uma articulação bem conseguida entre elementos conscientes/perceptivos e inconscientes/projectivos, o sujeito manifesta a incapacidade de constituir um continente psíquico característico de um funcionamento mental mais evoluído, que lhe permitisse tolerar a frustração própria de um relacionamento entre dois seres humanos, numa interacção fundada na intersubjectividade e baseada no desbravar do desconhecido, característica de um vínculo K.

Consequentemente, embora o sujeito demonstre uma capacidade inequívoca de acesso à posição depressiva, correspondente a uma função α com capacidade de transformar os elementos β em elementos α , não o faz de forma plena, como o demonstram a exploração inexistente do objecto (apenas uma resposta) e a submissão do aparelho mental a uma lógica de isolamento perceptivo, claramente manifestada no inquérito.

Cartão III

Após um tempo de latência superior ao normal (16 segundos) o Paulo inicia a abordagem ao terceiro cartão com uma resposta de má adequação formal – “caveira” - visualizada no negro inferior mediano. É curioso verificar que, ao “centralizar” esta localização que conduziu à sua primeira resposta, o sujeito acentua a “cegueira” face ao D vermelho que, efectivamente, se situa no centro da mancha; neste cartão, tal como no anterior, o sujeito não integra o vermelho nas suas respostas o que poderá denunciar dificuldades da função α em lidar com elementos β de maior expressão sensorial. Estas dificuldades transparecem na primeira resposta, que espelha então uma função α incapaz de transformar os elementos β em elementos α de forma harmoniosa, subjugada por uma ideia de morte que alimenta um vínculo continente-conteúdo parasitário. Este modo de funcionamento mental, característico da posição esquizoparanóide, fica bem vincado no inquérito, onde domina uma temática persecutória, vivida através das “órbitas”.

Na segunda resposta o sujeito demonstra um movimento progrediente $Ps \rightarrow D$, ao formular uma imagem-conceito que traduz o conteúdo banal “duas mulheres”. Contudo, a natureza relacional que este cartão simbolicamente solicita encontra-se comprometida, através da ausência de qualquer verbo interactivo que as relacione; paralelamente, o Paulo demonstra uma lógica pautada pela bidimensionalidade – “vistas de perfil”, característica de um espaço mental empobrecido, que apenas permite um vínculo comensal entre continente e conteúdo, onde impera o isolamento perceptivo – “Aqui os seios” - sem possibilidades de crescimento mútuo: o acesso à posição depressiva faz-se assim apenas de modo parcial, em associação com uma problemática identificatória (o sujeito não projecta a sua identidade de género).

De referir que o movimento progrediente realizado pelo Paulo neste cartão culmina com a sua escolha positiva na prova das escolhas, sendo “o mais bonito” e “muito equilibrado”, apesar da angústia inicial ainda se manifestar – “Mesmo não gostando da caveira...”

Cartão IV

O Paulo, ao confrontar-se com a mancha, recusa abordar o seu conteúdo latente, associado a imagens de força e potência, através de um choque manifesto. Assim, e neste primeiro impacto, o sujeito evidencia uma função α incapaz de transformar os elementos β , portadores de uma angústia intolerável que o sujeito não elabora, evacuando-a através de um comentário de simetria; Paulo afasta-se desta forma da instrução Rorschach, não emitindo qualquer resposta.

Porém, numa lógica completamente oposta à anterior, o sujeito evidencia no inquérito um claro movimento progrediente $Ps \rightarrow D$, “despertando” a função α para um eficiente trabalho de transformação dos elementos β em elementos α , produzindo uma imagem-conceito que vai ao encontro da solicitação simbólica de força e potência – “*vejo um gigante*” –, integrando a angústia de forma harmoniosa ao conciliar elementos projectivos e perceptivos num todo significativo, coeso e coerente, próprio de um acesso bem sucedido à posição depressiva e do estabelecimento de um vínculo simbiótico na relação continente-conteúdo.

Cartão V

O tempo de latência dentro dos valores normativos e a crítica subjectiva “*Esta é fácil...*” denunciam a facilidade com que Paulo aborda o estímulo, depois da extrema dificuldade inicial manifestada no cartão anterior. Efectivamente, o cartão V é o que está mais próximo da realidade, com uma solicitação simbólica que remete para a construção de uma imagem identitária coesa, o que é conseguido pelo Paulo através de uma resposta de conteúdo banal – “*Borboleta*”. Esta leitura perceptiva da realidade, com pouca participação de elementos inconscientes, acentua-se de seguida com o comentário do sujeito “*(...) insecto com asas*” uma vez que, tendo inicialmente formulado uma singularidade, o sujeito não a mantém no seu psiquismo, proferindo a respectiva classe, o que denota dificuldades de designação da experiência emocional, isto é, uma função α incipiente.

Esta escassa capacidade transformadora da função α justifica a única resposta dada pelo Paulo, numa clara ausência volitiva de conhecer e explorar o objecto; continente e conteúdo relacionam-se assim comensalmente, sem crescimento mútuo, numa tirania perceptiva evidente no inquérito e reveladora de um acesso parcial à posição depressiva.

Cartão VI

Mais uma vez, em claro contraste com o cartão anterior, o elevado tempo de latência (33 segundos), a crítica subjectiva “*Voltou a complicar...*” e a utilização da precaução verbal “*Parece*” denotam a dificuldade do sujeito em lidar com a angústia suscitada pelo confronto com a mancha. Efectivamente, esta elevada incapacidade em elaborar a experiência emocional transparece através de um continente desvitalizado - “*(...) dissecação de um animal*” - que se associa a uma função α extremamente débil - “*não sei qual*”.

No inquérito Paulo esboça um movimento progrediente de designação da experiência emocional, conseguindo uma relativa mobilização da função α através da evolução de um conteúdo animal regressivo - “*insecto*” - para outro um pouco mais evoluído - “*ou então um peixe*” - e da evolução de uma classe para uma singularidade (Peixe → Carpa); contudo, neste esboçar do movimento progrediente, é evidente a incapacidade de Paulo em integrar o carácter sexual ambíguo da mancha numa única resposta: na descrição que faz dos dois conteúdos animais o sujeito centra-se, precisamente, nos pormenores opostos da mancha (de solicitação sexual também ela oposta) associando, respectivamente, uma temática (oral) mais regressiva ao conteúdo mais regressivo (mandíbulas → insecto) e uma temática (anal) mais evoluída ao conteúdo mais evoluído (rabo → carpa).

Este aparente movimento progrediente é, no entanto, claramente interrompido por uma angústia arcaica incapaz de ser contida num espaço mental onde predomina a bidimensionalidade, revelada por um continente extremamente frágil - “*Mas sempre a sensação de ser dissecado, espalmado...*” -, e que se manifesta por uma escolha negativa onde irrompe através da identificação projectiva patológica - “*É muito mau (...) aqui as mandíbulas são muito feias, sugere-me medo*” -, espelhando uma agressividade oral típica da posição esquizoparanóide e alimentada por um vínculo parasitário na relação continente-conteúdo.

Cartão VII

Um longo tempo de latência (27 segundos) antecede e anuncia o emergir de uma angústia que Paulo não é capaz de elaborar, invadindo o aparelho psíquico sob a forma de uma imagem anatômica crua, de má adequação formal – “*ossos das costeletas*”, com grande impacto sobre o sujeito – “*Aquilo que me parece mesmo (...)*” – e de tal intensidade que bloqueia a sua capacidade de pensar e, conseqüentemente, a função α – “*Não consigo ver mais nada...*”. Desta forma, perante o cartão que, por excelência, remete simbolicamente para a relação do sujeito com a imago materna, assiste-se ao reactivar de uma relação extremamente arcaica entre Paulo e o seu primeiro objecto, onde impera o vínculo parasitário na relação continente-conteúdo sob o domínio da posição esquizoparanóide.

É deveras interessante observar o movimento posterior que Paulo efectua face à mancha: a enorme angústia vivida na passagem espontânea manifesta-se no início do inquerito – “*É a imagem toda*” – só podendo ser contida num continente duro, de fronteiras intransponíveis – “*(...) em forma de ferradura*”. Tendo aparentemente aprisionado a angústia neste continente inerte Paulo inicia a exploração da mancha de forma descontraída, através do comentário verbal “*Giríssimo*”, para, imediatamente a seguir, revelar um movimento progressivamente angustiante, de intensidade crescente; de uma imagem-conceito que assenta na bilateralidade da mancha e que expressa uma relação de sofrimento - “*dois coelhos a gritarem*” – o sujeito avança para um conteúdo que, pertencendo igualmente ao reino animal, é parcial e não relacional – “*cabeça de um porco*” -, espelhando uma clara temática persecutória – “*tem os olhos expressivos, zangados*” – típica da posição esquizoparanóide.

Esta manifesta incapacidade de Paulo em conter a angústia arrebatadora que domina a relação com a imago materna culmina na escolha negativa do cartão, onde predomina uma identificação projectiva patológica avassaladora – “*(...) transmite raiva, assusta-me, tenho medo (...)*” – no âmbito de um claro vínculo parasitário com falência da função α .

Cartão VIII

Após a extrema angústia vivida no cartão anterior, com a respectiva hemorragia projectiva subjacente, este primeiro cartão pastel é encarado com grande alívio pelo sujeito, como o demonstra a observação cor “*Que bonito, com cores!*” e o tempo de latência dentro dos valores normativos, antecedendo duas respostas de boa adequação formal. No entanto, o sujeito realiza neste cartão um movimento de progressiva “colagem” perceptiva ao estímulo: após o agradável impacto sensorial provocado pelas cores pastel, que originam a observação cor já referida, o sujeito produz a primeira resposta ainda sob a influência deste impacto, através de uma imagem-conceito com duplo determinante, em que a cor predomina sob a forma, espelhando um continente (vegetal) mais regressivo; o movimento posterior, de manifesta ancoragem perceptiva, traduz-se na resposta banal “*dois lobos a subir*” em que o aparente aumento do exercício da função α – árvore (classe) → lobo (singularidade) – se dissipa, uma vez que o sujeito não admite a relação: a cinestesia é facilitada pela posição habitual do cartão e o comentário de simetria impossibilita a vivência relacional entre dois seres diferentes.

Assim, apesar do sujeito vivenciar agradavelmente o contacto com esta mancha, o que se traduz inclusivamente numa escolha positiva – “*Percebe-se muito bem e as cores não são pesadas*” –, verifica-se que, face a um cartão que solicita as possibilidades de mobilização relacional e afectiva com um Outro, o Paulo não tolera esta solicitação, recusando a relação e dissociando a representação do afecto (que apenas surge através das observações cor). Desta forma, através de um vínculo comensal na relação continente-conteúdo, o sujeito procura evitar a frustração inerente a uma relação afectiva com o Outro, não desenvolvendo o desejo de Conhecimento e, conseqüentemente, a capacidade de acesso cabal à posição depressiva.

Cartão IX

Face a um cartão que invoca movimentos regressivos de simbolismo materno pré-genital o sujeito tenta evitar ao máximo esta solicitação, como o demonstram o tempo de latência excessivamente elevado (48 segundos, correspondendo a um equivalente choque) bem como a ruminância utilizada – “*visto de frente sugere-me a imagem (...)*”. Esta grande dificuldade em abordar o conteúdo latente do cartão traduz-se na constituição de um continente animal irreal a que subjaz uma função α extremamente precária, incapaz de

elaborar a angústia veiculada pelos elementos β da mancha – “*É um bicho feio.*” Se se verifica, na passagem espontânea, o esforço (infrutífero) do sujeito em afastar a representação angustiante, no inquérito assiste-se à invasão do psiquismo pelo fantasma de nascimento, revelador da emergência de uma imago materna arcaica e destrutiva: a lógica primitiva e primária da posição esquizoparanóide surge de forma arrebatadora face ao grande Dbl da mancha, através de uma intensa identificação projectiva – “*é mesmo agressivo*” – que sustenta um claro vínculo parasitário entre continente e conteúdo; de referir, a título de comentário, que os seres extraterrestres da saga “Alien”, a que Paulo faz alusão, são seres que, de modo a completarem o seu ciclo de vida, necessitam de recorrer ao parasitismo, provocando, aquando do “nascimento”, não apenas a morte *inevitável* do hospedeiro mas, sobretudo, uma morte *dolorosa*.

Cartão X

O cartão X, dada a fragmentação da mancha, solicita a capacidade do sujeito em integrar os diferentes elementos dispersos, só possível com o acesso à posição depressiva.

No confronto de Paulo com a mancha verifica-se um elevado tempo de latência (22 segundos) para o qual terá contribuído a forte angústia vivida (e não elaborada) no cartão anterior e a solicitação muito particular do presente cartão. A primeira resposta do sujeito, dada em G, denota uma tentativa de integrar os diferentes elementos num todo; esta tentativa culmina com a constituição de um continente vago, de limites indefinidos – “*paisagem com mar... vê-se o horizonte...*” -, dando conta das dificuldades do sujeito na integração dos diferentes elementos, que o próprio expressa no inquérito – “*É a mais complexa por causa das cores...*”.

Perante o tremendo impacto sensorial da mancha o sujeito “refugia-se” numa localização parcial, produzindo contudo uma imagem-conceito de má adequação formal, revelando a ineficácia da função α em transformar harmoniosamente os poderosos elementos β veiculados pela mancha: note-se que não existe qualquer relação entre as duas figuras humanas irrealis e o próprio acto do sujeito em apontar para a localização no cartão parece acentuar o seu carácter simétrico, negando assim a diferença e evitando a angústia associada.

Mais uma vez é interessante verificar o movimento efectuado por Paulo ao longo do inquérito: após a constatação, já referida, do impacto sensorial da mancha é a identificação projectiva que surge, de intensidade crescente, pois das sereias que “*parecem mesmo em*

movimento” é toda a mancha que passa a movimentar-se – “*Está tudo em movimento*”. Assiste-se aqui à lógica da posição esquizoparanóide que, através da hemorragia projectiva, impossibilita a consolidação do movimento progrediente esboçado através da resposta adicional banal “*dois caranguejos*”.

No fim apenas resta a evacuação projectiva, sem qualquer capacidade de designar a experiência emocional.

Análise do Psicograma

O reduzido número de respostas emitidas (13), o tempo total de realização da prova extremamente escasso (6’ 20’’) e o tempo por resposta abaixo dos valores normativos (29’’) demonstram a falta de investimento e a insuficiente exploração da parte do Paulo na relação com o objecto Rorschach. Esta enorme dificuldade no estabelecimento de um vínculo K, característico da compreensão da experiência emocional, resulta da excessiva angústia vivida face à apresentação do estímulo Rorschach, que se manifesta por um acentuado tempo de latência médio (21’’) e uma recusa (embora atenuada por uma resposta adicional de boa qualidade no mesmo cartão).

No que respeita aos modos de apreensão verifica-se que o Paulo apenas utilizou o modo de apreensão global (G) e o modo de apreensão centrado em localizações parciais frequentemente utilizadas (D), o que confirma a fraca exploração do objecto por parte do sujeito; de facto, das 13 respostas dadas, 8 respostas correspondem a G (62%) e apenas 5 respostas se enquadram em D (38%), ou seja, a percentagem de respostas globais é muito superior aos valores normativos passando-se exactamente o contrário com as respostas centradas em localizações parciais frequentemente utilizadas. Assim, verifica-se que Paulo apresenta um funcionamento mental que privilegia a constituição de continentes psíquicos globais, centrados no investimento da realidade perceptiva, numa ausência de procura e descoberta do Outro paralela à falta de investimento interno (das 8 respostas globais 6 respostas correspondem a G simples).

Relativamente aos determinantes verifica-se que, das 13 respostas formuladas por Paulo, 7 respostas apresentam determinante formal o que corresponde a um F% (54%) dentro dos valores normativos. Contudo, constata-se que o F+% é muito baixo (57%) o que revela evidentes dificuldades na conciliação das componentes perceptiva e projectiva no processo de construção das respostas; a análise do F% alargado (85%) e do F+% alargado (55%)

corroborar o descrito pois se a dominância formal em todo o protocolo é normativa a sua adequação ao estímulo Rorschach é claramente insuficiente, o que denota inegáveis perturbações ao nível da inteligibilidade perceptiva do objecto, associadas à não conciliação harmoniosa com elementos projectivos – incapacidade de aceder, de forma consistente, ao funcionamento integrativo da posição depressiva. No que concerne a outros determinantes perfazem as restantes 6 respostas, distribuindo-se por duas grandes cinestésias (K), duas cinestésias animais (kan) e duas respostas com determinante duplo (CF): se uma cinestesia animal (resposta 3) espelha uma articulação bem conseguida entre elementos conscientes e inconscientes, promovendo uma relação de qualidade (ainda que por deslocamento) todas as outras respostas manifestam um funcionamento mental pouco evoluído e regressivo (respostas 9, 11, 12 e 13), que não permite tolerar a frustração inerente à relação entre dois seres humanos (resposta 5).

Em relação aos conteúdos é de referir a sua reduzida diversidade, apesar do Paulo apresentar um número adequado de conteúdos banais (5) e uma percentagem normativa de conteúdos humanos (15%), o que, aliado a uma percentagem de conteúdos animais acima dos valores normativos (54%), reforça a ideia de um funcionamento mental pouco evoluído, associado a uma função α incipiente.

No que concerne ao T.R.I. constata-se um resultado indicativo de um tipo ambigüal, em que os dois componentes da fórmula são iguais embora escassamente investidos, em associação com uma Fórmula Complementar ligeiramente introversiva – esta escassa ressonância interna do sujeito aliada à falta de implicação para com o objecto Rorschach surge também numa Reactividade à Cor cujo valor normativo (38%) não expressa a capacidade de mobilizar harmoniosamente a cor na construção das respostas, uma vez que em 5 respostas aos cartões pastel só 2 respostas são mobilizadas pela cor e sempre em associação com o determinante formal.

Por último, uma referência aos elevados elementos qualitativos presentes ao longo do protocolo (11) que expressam, em maior ou menor grau, o impacto do material sobre o sujeito, impacto este revelador do fraco trabalho transformador da função α , associado a um Índice de Angústia (15%) um pouco acima dos valores normativos.

7.2. ANÁLISE do PROTOCOLO B (Frederico)

Análise das respostas cartão a cartão

Cartão I

No primeiro contacto com o objecto Rorschach o Frederico apresenta um tempo de latência ligeiramente inferior à norma (5 segundos), formulando uma imagem-conceito antropomórfica, correspondente a uma apreensão global da mancha de boa qualidade formal: a construção desta resposta, sustentada pelo D central da mancha como eixo análogo ao eixo médio que organiza o plano bilateral do corpo humano, denota assim a capacidade de constituição de um continente psíquico contentor por parte do sujeito; paralelamente, constata-se a existência de uma função α operante na transformação dos elementos β em elementos α e na conciliação entre elementos projectivos e perceptivos.

No entanto, o reduzido tempo total do cartão (10 segundos) aliado à não produção de mais respostas demonstram a inexistência de um movimento exploratório perante o objecto, bem como ausência de curiosidade, características inerentes a um vínculo – K face ao desconhecido, o que reflecte as dificuldades de Frederico face à solicitação simbólica para a qual remete o presente cartão.

Adicionalmente, no inquérito, fica bem patente o peso excessivo da dimensão perceptiva, face à dimensão projectiva, na formulação da resposta em causa; note-se a progressiva restrição perceptiva efectuada pelo sujeito – do grande D lateral (asas) Frederico avança para o D central (corpo), culminando nas saliências medianas superiores (mãos) – condizente com o estabelecimento de um vínculo comensal na relação continente-conteúdo.

Curiosamente, é na prova das escolhas que se assiste a um importante movimento regrediente por parte do sujeito, expresso na rápida oscilação entre a idealização e a desvalorização do conteúdo humano irreal (“*É um anjo e isso é bom (...)*”; “*(...) pode significar que é um anjo um pouco malandro.*”; “*Representa o que há de melhor em nós*”). Adicionalmente, através da clivagem, em que uma personagem implicitamente idealizada é danificada, revela-se a fragilidade do continente psíquico e a falência da função α , em associação com a emergência de uma imago materna inquietante – “*Porque é um anjo (...) pese embora esteja um pouco desfigurado (...)*”.

Cartão II

Não poderíamos iniciar a análise a este cartão sem fazer a referência obrigatória ao claro contraste, e evidente oposição, entre a resposta do cartão anterior e a resposta formulada no presente cartão – esta “queda vertiginosa” do Céu para o Inferno parece comprovar e confirmar a manifestação do funcionamento psíquico clivado do sujeito, aquando da escolha positiva do cartão anterior, acentuando o movimento regrediente verificado.

O tempo de latência dentro dos parâmetros normativos contrasta com a recusa do Frederico em abordar o conteúdo latente deste cartão, associado à integração harmoniosa das pulsões agressivas/libidinais num contexto relacional com o Outro. De facto, o sujeito não tolera esta solicitação, baseada na configuração bilateral da mancha e na presença do vermelho, manipulando o cartão no sentido inverso e não integrando o estímulo cromático na resposta (verifica-se apenas a utilização do vermelho pelo Frederico no inquérito como mera referência descritiva, delimitando o contorno da imagem).

Face à nova configuração da mancha, fruto da posição invertida do cartão, confirma-se a falência da função α na transformação dos elementos β , portadores de uma angústia que o sujeito não consegue elaborar, invadindo o psiquismo, bloqueando-o e impedindo-o de efectuar novas associações com a subsequente formulação de mais respostas (vínculo – K).

Desta forma, apenas pode surgir o “*demónio*”, imagem-conceito global resultante de um poderoso e destrutivo caudal projectivo que oprime a percepção (F-), negando a conciliação harmoniosa entre elementos conscientes e inconscientes própria do simbólico, sob a égide de uma posição esquizoparanóide sobre a qual apenas se enraíza o vínculo parasitário entre continente e conteúdo.

Cartão III

Mais uma vez o tempo de latência dentro dos valores normativos contrasta com a extrema dificuldade manifestada por Frederico neste cartão que, recordamos, remete simbolicamente para a representação de si face ao Outro, numa solicitação de natureza predominantemente relacional resultante da disposição espacial das silhuetas humanas, que se impõem à percepção. O sujeito não tolera esta solicitação, manipulando o cartão no sentido inverso, negando assim a possibilidade de estabelecer um vínculo K, próprio da compreensão emocional da experiência com um Outro diferente e complementar.

No confronto do Frederico com a nova configuração da mancha fica bem patente a aridez do seu espaço mental, manifestada através da indefinição do continente psíquico cuja integridade surge, inclusivamente, comprometida – *“Uma imagem deformada”*. Em consonância com esta fraca capacidade do continente em conter a forte angústia veiculada pela mancha surge a falência da função α na transformação dos elementos β , expressa na formulação de uma imagem-conceito de má adequação formal – *“Alien”* – que espelha assim a ausência de conciliação harmoniosa entre elementos projectivos e perceptivos (apesar da tentativa do Frederico em justificar “perceptivamente” a resposta no inquérito). Esta falência da função α surge associada à integração do branco na resposta (modo de apreensão D bl) dando conta, precisamente, da atracção do sujeito por um vazio que realça o movimento regrediente $Ps \rightarrow Ps$ realizado por Frederico, com o subsequente vínculo parasitário entre continente e conteúdo.

Compreende-se assim a resposta dada por Frederico aquando do inquérito dos limites: a pobreza do espaço mental é de tal ordem que não existe qualquer possibilidade de relação com o/um Outro diferenciado – mesmo sob forte influência visual e verbal de duas figuras humanas em relação o sujeito centra-se na unilateralidade, justificando perceptivamente a sua escolha, reveladora de uma problemática identificatória (não projecção da identidade de género).

Cartão IV

Um tempo de latência normativo antecede a emissão de uma resposta correspondente a um conteúdo que vai ao encontro da solicitação simbólica de força e potência, sugerida por este cartão, espelhando a constituição de um continente (em G) que contém toda a angústia veiculada pela mancha (FClob); a imagem-conceito formulada – *“Um Ieti”* – atesta assim a qualidade na conciliação de elementos projectivos com elementos perceptivos, evidenciados por Frederico no inquérito, própria de uma oscilação dinâmica $Ps \leftrightarrow D$ conducente ao estabelecimento de um vínculo simbiótico na relação continente-conteúdo.

Porém, ainda na passagem espontânea, é possível assistir à emergência de uma enorme tonalidade emocional disfórica, expressa pelo comentário *“...uma aberração”*, de tal intensidade que promove a escolha negativa deste cartão. De facto, na prova das escolhas, assiste-se a um progressivo movimento regrediente realizado pelo sujeito, suportado por uma marcada reacção de desconforto face à mancha em questão e acarretando, inclusivamente,

uma involução asfixiante no trabalho da função α – “é uma coisa aterradora”. Por último, não poderíamos deixar de mencionar a influência desta enorme angústia no sistema de representações do sujeito: o sujeito considera o Ieti como polaridade oposta ao anjo da resposta 1 – “*Porque é o contrário do anjo (...)*” – quando tal relação é mais condizente entre as representações do anjo e do demónio (resposta 2). Existe maior oposição/contraste do que a/o que se verifica entre o anjo (*símbolo* do Bem) e o demónio (*símbolo* do Mal)?

Desta forma, fica bem patente o duplo impacto da invasão do psiquismo de Frederico por esta angústia incontrolável – não só perturba o sistema de representações do sujeito e as respectivas relações entre símbolos (de Anjo/Demónio para Anjo/Ieti) como provoca a perda da capacidade simbólica com a consequente regressão de símbolo para equação simbólica (note-se a regressão de “*Ieti*” para “*coisa*” e a alteração subtil, mas muito significativa, do “é o que há de pior em nós” face ao “representa o que há de melhor em nós” do cartão I).

Cartão V

Mais uma vez o Frederico evidencia um tempo de latência dentro dos valores normativos, seguido de uma leitura da realidade marcadamente perceptiva, com participação reduzida de elementos projectivos, comprovada pelas duas respostas banais que revelam assim a capacidade do sujeito em delimitar um continente que estabelece com o(s) conteúdo(s) um claro vínculo comensal. Em associação com esta impossibilidade de continente e conteúdo crescerem mutuamente surge uma função α incipiente, cuja escassa capacidade transformadora somente tolera uma apreensão exclusiva em G, sem a emissão de mais respostas (o que denota igualmente a ausência de curiosidade e exploração do objecto, típicas de um vínculo – K).

No entanto, e ainda na passagem espontânea, assiste-se a um impressionante movimento regrediente do sujeito, o qual refere “*Todas as figuras estão distorcidas...*”. O facto de tamanha fragilidade do continente psíquico ser revelada precisamente neste cartão, que remete para a construção de uma imagem identitária *coesa* e *íntegra*, parece-nos patognomónico de uma problemática psíquica profunda, básica e primária; compreende-se assim melhor o “*anjo desfigurado*” do cartão I, a dúvida inicial do presente cartão – “*Talvez...*” – bem como a emergência de uma imago materna perigosa e poderosa no inquérito – “*Vejo o vampiro, perdão, a borboleta (...)*”.

Por fim, resta assinalar a escolha positiva deste cartão onde, curiosamente e tal como no cartão I, se verifica uma clivagem: se a figura está “*distorcida*” como pode transmitir “*clareza*”?

Cartão VI

Apesar de uma breve manipulação inicial do cartão o sujeito formula a sua primeira e única resposta dentro de valores normativos para o tempo de latência, correspondente a uma imagem-conceito banal e, conseqüentemente, de boa qualidade formal – “*Pele de felino*”. Desta forma, e tal como no cartão anterior, a passagem espontânea é marcada pelo excesso perceptivo e escassez projectiva, selando um claro vínculo comensal entre continente e conteúdo e evidenciando o fraco trabalho transformativo da função α , incapaz de estabelecer novas associações entre elementos inconscientes e conscientes que possibilitassem a produção de mais respostas (verifica-se novamente o estabelecimento de um vínculo – K). O acesso à posição depressiva é, assim, parcial.

É no inquérito que surge mais um movimento regrediente, expresso em três “frentes” inter-relacionadas: em primeiro lugar percebe-se que o Frederico apreende a “*Pele de felino*” no sentido inverso do que é apreendido na maioria dos casos, apesar de visualizar a mancha com o cartão na posição habitual; em segundo lugar a sensibilidade de Frederico ao branco, através de uma resposta centrada na falta – “*falta-lhe a cabeça*” – o que denota intolerância à frustração; por fim, a verificação de uma imagem do corpo algo deficitária, corroborativa do movimento regrediente do cartão anterior, uma vez que a localização dada por Frederico, como correspondente aos membros *posteriores*, é na realidade mais condizente com os membros *anteriores*, dada a localização respectiva da cauda (D superior) e da cabeça (Ddb inferior).

Cartão VII

Tal como já se tinha verificado nos outros cartões bilaterais também neste o Frederico procede à sua manipulação no sentido inverso, rejeitando a sua forte solicitação relacional.

Após um tempo de latência um pouco superior ao normal (14 segundos) o sujeito emite a mesma resposta que tinha produzido face ao cartão anterior – esta perseveração,

reveladora por si só de um bloqueio ao nível da função α , torna-se ainda mais preocupante com o comentário produzido pelo sujeito – “*Igual ao anterior*” – pois faz acentuar a semelhança entre as duas manchas, não só ao nível conceptual mas também ao nível visual, físico, como se, para o sujeito, aqueles dois borrões de tinta fossem efectivamente o *mesmo*, fossem *iguais*, quando manifestamente são diferentes.

Mais do que um bloqueio da função α verifica-se a sua total falência pois, mais do que assistir à incapacidade de transformar os elementos β em elementos α , presencia-se a sua incapacidade de distinguir *diferentes* elementos β . Naturalmente, e conseqüentemente, o sujeito é incapaz de formular mais respostas pois não existe qualquer capacidade exploratória do objecto (vínculo – K); entre continente e conteúdo apenas se pode estabelecer um vínculo parasitário, próprio da posição esquizoparanóide, com a destruição mútua que daí advém (imagem-conceito totalmente desadequada face ao estímulo).

Curiosamente, e tal como no cartão anterior, é no inquérito que se verificam as dificuldades do sujeito ao nível da construção da imagem de si, mais especificamente ao nível da imagem do corpo – se no cartão anterior estas dificuldades eram aparentes neste cartão elas são irrefutáveis, com uma evidente confusão entre membros anteriores e posteriores; mais uma vez se verifica a grande intolerância à frustração por parte de Frederico, manifestada na atracção pelo branco através da mesma resposta centrada na falta, o que acentua a desvitalização do conteúdo.

De salientar, no final do inquérito, o esboçar de uma ténue tentativa de movimento progrediente com a produção da primeira resposta adicional de Frederico – tentativa manifestamente fracassada pois o sujeito não promoveu uma conciliação harmoniosa entre elementos conscientes e inconscientes, formulando uma imagem-conceito de má adequação formal: note-se, como curiosidade, o “movimento perseverante” da resposta espontânea para a resposta adicional, expresso exactamente pela mesma cotação...

As dificuldades sentidas por Frederico no confronto com este cartão são reconhecidas frontalmente pelo mesmo, resultando na sua escolha negativa – “*Porque foi a imagem que tive mais dificuldade em lidar (...)*”. Não poderíamos terminar a análise a este cartão sem fazer referência ao contraste gritante, e oposição esclarecedora, que as características da mancha assumem: é a interpenetração figura-fundo e estrutura aberta/oca (que sustentam o conteúdo latente deste cartão, remetendo para a relação com o materno) que se associam à expressão de uma relação muito primitiva que o sujeito evidencia com o seu primeiro objecto – “*acho que esta imagem representa muito bem o que é ser toxicodependente: o vazio que existe em nós e a falta de definição”.*

Cartão VIII

Sem surpresa o Frederico procede à manipulação do cartão VIII, também ele bilateral, emitindo a sua única resposta, com o cartão em posição lateral, após o tempo de latência mais longo desde o início da prova (16 segundos). O facto de ter necessitado de mais tempo de elaboração, precisamente no primeiro cartão pastel, evidencia a dificuldade da função α em lidar com elementos β de maior expressão sensorial; de facto, o sujeito é incapaz de formular uma imagem-conceito integrando todos os elementos da mancha, centrando-se nos D laterais que, em termos *formais*, são o elemento da mancha mais próximo da realidade – note-se que esta colagem perceptiva, exclusivamente formal (F+), só não é considerada banalidade devido ao facto do cartão não se encontrar na posição habitual.

Assim, o Frederico emite a resposta “*Dois guaxinis*”, acrescentando logo de seguida “*Marsupiais*” o que confirma a existência de uma função α a operar de forma incipiente, com dificuldades de designação da experiência emocional, pois tendo inicialmente formulado a singularidade o sujeito não promove a sua continuidade na psique, proferindo a classe; note-se que a classe proferida não corresponde à singularidade, o que acentua ainda mais o trabalho deficitário da função α : de referir, a título de comentário, que o guaxini (*Procyon lotor*) é um mamífero placentário e não marsupial, pertencendo à Família *Procyonidae*.

É em consonância com uma função α deficitária que surge o comentário de simetria “*Um é o reflexo do outro*”, cimentado no inquérito, testemunhando a incapacidade do sujeito em estabelecer a relação, negando a diferença potencialmente portadora de angústia e que o sujeito não tolera. Desta forma, face à solicitação simbólica de mobilização relacional e afectiva com o/um Outro, o Frederico afasta-se do conteúdo latente através do estabelecimento de um vínculo claramente comensal entre continente e conteúdo (em que um espelha o outro) que não permite o crescimento mútuo, só possível a partir da diferença e não de uma igualdade estagnante.

O acesso à posição depressiva é assim parcial, associado a um vínculo – K que impede a descoberta e a curiosidade do objecto (inexistência de mais respostas).

Cartão IX

Um elevado tempo de latência (20 segundos) e a manipulação considerável do cartão revelam as dificuldades do sujeito em lidar com a mancha, traduzidas na constituição de um continente vago e indefinido – *“Uma imagem completamente abstracta”* – associado a uma função α incapaz de transformar os elementos β em elementos α – *“Não consigo identificar nada...”*. A resposta produzida por Frederico na passagem espontânea reflecte assim a incapacidade de acesso à posição depressiva com a consequente esterilidade da capacidade simbólica.

No inquérito, o Frederico formula a sua segunda (e última) resposta adicional em todo o protocolo, resposta que evidencia um continente psíquico já com limites bem definidos e estáveis, estabelecendo uma relação com um conteúdo marinho que corresponde à solicitação regressiva do presente cartão. Apesar deste movimento progrediente da passagem espontânea para o inquérito note-se a qualidade especular da resposta – *“A imagem também é reflectida”*, na prossecução de um nulo grau de angústia tal como se tinha verificado no cartão anterior; adicionalmente a imagem-conceito formulada é de má qualidade formal o que denuncia uma problemática ao nível do simbolismo materno pré-genital solicitado pelo presente cartão, que assim é vivido negativamente pelo sujeito.

Cartão X

Após um longo tempo de latência (28 segundos) e nova manipulação do cartão também aqui se verifica uma perseveração, tal como na passagem do cartão VI para o cartão VII, indicativa do bloqueio da função α ; de facto, perante manchas diferentes o sujeito formula a mesma resposta com a diferença de, nos cartões VI e VII, a resposta evidenciar a existência de um continente bem definido enquanto que neste cartão, tal como no anterior, o continente revela-se vago e indefinido – *“Uma imagem abstracta”*. Consequentemente, também na abordagem a este cartão, que solicita a capacidade do sujeito em integrar os diferentes elementos dispersos num todo significativo, o sujeito se afasta do seu conteúdo latente.

É curioso verificar a abordagem subsequente ao cartão revelada pelo sujeito, exactamente igual à do cartão anterior: não conseguindo constituir um continente psíquico abrangente e global (em G) o sujeito “refugia-se” numa localização parcial, conseguindo desta

forma definir um continente; mas a fragilidade do seu aparelho mental não permite a possibilidade de uma conciliação harmoniosa entre elementos perceptivos e projectivos, formulando o Frederico uma imagem-conceito de má adequação formal – “*uma flor*” – na prossecução de um vínculo parasitário entre continente e conteúdo.

Verifica-se assim a extrema dificuldade do sujeito na abordagem aos cartões pastel (principalmente IX e X), portadores de elementos β de maior expressão sensorial, reflectindo-se uma função α inoperante com a consequente impossibilidade de um acesso consistente à posição depressiva.

Análise do Psicograma

Pese embora a inexistência de recusas e a ocorrência de um tempo de latência médio ligeiramente superior aos valores normativos (13'') verifica-se uma total ausência de comprometimento para com a prova, sustentada por uma exploração inexistente do objecto Rorschach, revelada por um tempo total de 3'60'' e um tempo por resposta de 17'', ambos muito abaixo dos valores normativos – esta “fuga para a frente” sela o estabelecimento de um vínculo – K, dada a impossibilidade de compreensão da experiência emocional, onde o número reduzido de respostas (13) surge como corolário deste desinvestimento do sujeito face ao estímulo Rorschach.

No que respeita aos modos de apreensão verifica-se que o Frederico apenas apreendeu a mancha em G (77%) e em D (23%), confirmando-se a falta de movimentos de entrega do sujeito para com o objecto; esta ausência de desejo pela descoberta do Outro torna-se ainda mais evidente através da grande amplitude entre as percentagens dos dois modos de apreensão utilizados, com um excesso de respostas globais e um défice de respostas parciais frequentemente utilizadas, face aos valores normativos. De referir ainda, relativamente ao modo de apreensão centrado em localizações parciais frequentemente utilizadas (D), a existência de uma apreensão com inclusão do branco (D bl), reveladora de atracção pela falta, pelo vazio e, consequentemente, de deficiências na capacidade de pensar.

Relativamente aos determinantes impõe-se o (pre)domínio avassalador da forma (F% e F% alargado de 92% e 100%, respectivamente), pois das 13 respostas dadas só uma não é determinada exclusivamente pelo determinante formal, que surge associado ao Clob; contudo, apesar do tremendo esforço do sujeito em centrar-se nos elementos da realidade perceptiva, verifica-se a opressão da percepção por uma força projectiva que o sujeito não é capaz de

conciliar (debilidade da função α) e que se traduz por um F+% e F+% alargado muito abaixo dos valores normativos (50% e 54%, respectivamente) – incapacidade de acesso consistente ao exercício integrativo da posição depressiva.

Em relação aos conteúdos é de salientar, mais uma vez, a sua reduzida diversidade; se no caso do Paulo o número de banalidades era normativo em relação ao Frederico este número fica aquém da norma, o que reforça as falhas na adaptação à realidade; a percentagem de conteúdos animais acima dos valores normativos (54%) e a inexistência de conteúdos humanos reais enfatizam o funcionamento mental rudimentar, associado à deficiência da função α .

No que concerne ao T.R.I. (coartado) e à Fórmula Complementar (nula) registe-se a completa opressão da fantasia e afectividade, conciliada com o desinteresse pelo mundo exterior (não existem respostas cor sendo o valor normativo da Reactividade à Cor obtido exclusivamente com respostas formais); este espaço mental desértico, sustentado igualmente por um Índice de Angústia de 0%, exprime-se também através de duas perseverações, onde não ocorre transformação a partir de alterações na realidade externa, próprio de uma função α em falência e correspondente a uma oscilação Ps \leftrightarrow D totalmente comprometida.

8. DISCUSSÃO

No presente capítulo procederemos à articulação entre os conceitos teóricos abordados na revisão de literatura (modelo bioniano da génese do pensamento, espaços do materno e do feminino primário e principais perspectivas psicodinâmicas sobre a toxicodependência) e os resultados obtidos nos dois protocolos Rorschach de sujeitos toxicodependentes, analisados anteriormente; importa salientar que sustentaremos esta articulação a partir dos procedimentos de análise elaborados, clarificando assim as relações entre teoria e prática com base no objectivo de estudo a que nos propusemos.

Adoptando primeiramente uma visão global sobre os protocolos analisados constatamos, em ambos, uma clara ausência de curiosidade e exploração face ao objecto Rorschach – o mesmo número reduzido de respostas (13), os tempos por resposta aquém dos valores normativos, os tempos totais de prova manifestamente inferiores à norma e uma apreensão das manchas exclusivamente em G (excessiva) e D (deficitária) selam o estabelecimento de um vínculo – K que se opõe assim à compreensão da experiência emocional. Dado que, segundo Guignard (1987, 1995), é a partir do espaço do materno primário que surgem os vínculos emocionais, este predomínio avassalador do vínculo negativo de Conhecimento revela a fragilidade no desenvolvimento do primeiro espaço psíquico constituído nestes sujeitos; o descrito expõe as deficiências ao nível da capacidade de *rêverie* materna, a qual, insistimos, é pedra basilar no crescimento psíquico do indivíduo (Bion, 1962/1991) – se a capacidade materna em desintoxicar as angústias do bebé apresentar falhas consideráveis, fica comprometido o saudável desenvolvimento do psiquismo do sujeito. De facto, a extrema precariedade do espaço do materno é por demais evidente nos dois protocolos, assumindo importância decisiva em ambos.

Relembramos que o espaço do materno primário é responsável pela formação de um funcionamento psíquico de base, construído a partir de mecanismos de troca entre o exterior e o interior do indivíduo (Bégoïn-Guignard, 1987); a eficácia destes mecanismos surge fortemente comprometida, tanto em Paulo como em Frederico, face à solicitação do estímulo Rorschach, o qual apela à conciliação harmoniosa entre elementos perceptivos (externos) e projectivos (internos) com vista à formação do símbolo – tal remete para perturbações nos processos de ligação, transformação e criação (Marques, 1999) e para a subsequente precariedade dos organizadores por eles sustentados, especialmente a simbolização. Assim, para além de um apego extremo à justificação e isolamento perceptivo das imagens-conceito

proferidas, bastante evidente nos inquéritos, ambos os sujeitos revelaram fraca conciliação entre elementos conscientes/perceptivos e elementos inconscientes/projectivos com falhas acentuadas na adequação ao estímulo Rorschach, o que espelha o trabalho deficitário do pré-consciente (e, conseqüentemente, da função α) e que se traduz nos baixos valores do F+% (57% para o Paulo e 50% para o Frederico) e F+a% (55% para o Paulo e 54% para o Frederico). De referir ainda, em relação à função α , as elevadas dificuldades evidenciadas pelos dois sujeitos na transformação de elementos β de maior expressão sensorial, como o demonstra a não integração, por ambos, do vermelho dos cartões II e III nas respostas proferidas.

Sendo o espaço do materno primário responsável pelo nascimento psíquico do indivíduo, onde se cimentam e se desenvolvem as potencialidades de um psiquismo rico, diversificado e complexo, verificámos a existência, nos dois sujeitos, de um espaço mental empobrecido, com pouca capacidade elaborativa e integrativa, revelado pela parca diversificação ao nível dos conteúdos com excesso de conteúdos animais, o que é mais condizente com um nível de desenvolvimento mental precário, logo mais arcaico (note-se a inexistência de conteúdos humanos reais no caso de Frederico e o predomínio dos conteúdos humanos irrealis no caso de Paulo, tendo em conta as respostas adicionais); em estreita relação com o descrito surge-nos uma ressonância interna (T.R.I. e F.C.) de cariz regressivo (Paulo) e de expressão nula (Frederico), tanto ao nível da fantasia como do afecto, o que nos remete para as concepções de Bergeret (1988), segundo o qual uma das características comuns aos toxicod dependentes são as carências imaginárias fruto da incapacidade de uma actividade mental rica e criativa, e de McDougall (1984), que designou este tipo de pacientes de desafectivos, por evitarem abordar qualquer emergência emocional.

Como vimos, o materno primário constitui-se como o espaço dos elementos fundadores do sentimento de Ser, sendo a dimensão psíquica responsável pela estruturação da Identidade do Eu – também a este nível verificamos a existência de uma problemática em ambos os protocolos, pese embora esta seja mais evidente em Frederico: se a intensa regressão verificada nos cartões pastel (principalmente IX e X) é comum aos dois sujeitos, é no protocolo de Frederico que surge uma inegável fragilidade identitária, não só pela referência explícita à qualidade especular da configuração bilateral do cartão VIII (quando comparada com a referência implícita de Paulo no mesmo cartão) mas também, e principalmente, pela extrema vulnerabilidade do continente psíquico demonstrada no cartão V, cartão *identitário* por excelência.

As deficiências ao nível do materno também se revelam, nos dois sujeitos, aquando da reactivação da modalidade relacional com a imago materna, mais facilmente evocada nos cartões I, VII e IX. De facto, com excepção do primeiro cartão do protocolo de Paulo, ambos vivenciam negativamente os cartões maternos: se no caso do Frederico sobressai a esterilidade e bloqueio mental (perseveração no cartão VII e incapacidade na constituição de um continente adequado no cartão IX) no caso do Paulo assiste-se a uma intensa e crua regressão, com exposição de uma modalidade relacional extremamente arcaica e primitiva com a imago materna, tanto no cartão VII como no cartão IX. Gostaríamos de salientar dois pontos comuns a Paulo e Frederico nesta relação negativa que ambos evidenciam face ao materno: a escolha negativa do cartão VII (cartão materno por excelência) e a sensibilidade ao branco (no cartão VII por parte de Frederico e no cartão IX por parte de Paulo). Se no caso do Frederico ambas as situações parecem incidir na existência de uma falta estrutural/essencial – *“Porque foi a imagem que tive mais dificuldade em lidar (...) representa muito bem o que é ser toxicodependente: o vazio que existe em nós e a falta de definição.”* / *“Falta a cabeça”* – o que remete para a concepção de Olievenstein (1987/1990), segundo o qual existe, nos sujeitos toxicodependentes, uma espécie de falta fundamental relativa a uma falha arcaica muito difícil de tolerar; no caso de Paulo é a incapacidade em tolerar e elaborar uma dor mental avassaladora que sobressai – *“(...) transmite raiva, assusta-me, tenho medo (...)”* / *“No azulado central (Db1) é mesmo agressivo, parece o filme “Alien” a sair da barriga da mãe e aqui estão as narinas (Ddbl)”* – o que, por sua vez, remete para os contributos de Cabral (1998), Khantzian (2003) e Magalhães (2008), que apontam a incapacidade dos sujeitos toxicodependentes em lidar com a dor mental como uma característica fundamental nestes indivíduos.

Curiosamente, é na prova das escolhas que se assiste a um movimento claramente divergente entre Paulo e Frederico: apesar de, em ambos, ser evidente a manifestação de mecanismos de defesa primitivos (clivagem em Frederico e identificação projectiva patológica em Paulo), reveladores de uma angústia arcaica dificilmente elaborável, o último momento da prova Rorschach assume uma orientação oposta para os dois sujeitos. Para Paulo a prova das escolhas constitui-se como corolário/confirmação do vivenciado aquando da passagem espontânea e inquérito (note-se as escolhas positivas do cartão III – no seguimento do movimento progrediente efectuado – e do cartão VIII – confirmando a vivência tranquila do mesmo – e as escolhas negativas dos cartões VI e VII, no seguimento da extrema dificuldade sentida aquando do embate com os mesmos); em Frederico existe uma contradição/inversão do movimento efectuado na passagem espontânea e inquérito (note-se os

movimentos regredientes na escolha positiva do cartão I e na escolha negativa do cartão IV, bem como a clivagem e conseqüente contradição na escolha positiva do cartão V). O descrito parece sustentar uma maior consistência psíquica de Paulo face a Frederico, o que é corroborado pelo facto deste apresentar uma ancoragem exclusivamente perceptiva/formal ao estímulo (F% e Fa% muito elevados), enquanto que no primeiro existe um esboçar de movimento projectivo (F% e Fa% dentro das normas) ainda que muito incipiente – a primeira grande cinestesia só o é por convenção e a segunda grande cinestesia, para além de relativa a um conteúdo humano irreal, é de má qualidade formal; as cinco pequenas cinestésias dadas, exclusivamente animais, reforçam o carácter arcaico e regressivo do espaço mental do sujeito, apesar da qualidade já referida da resposta 3.

Estas diferenças no psiquismo dos dois sujeitos assumem maior clareza quando nos debruçamos sobre a qualidade do espaço do feminino primário e sobre o (in)sucesso do movimento de acesso a este espaço psíquico, a partir do materno primário. Relembramos que a capacidade de simbolização propriamente dita só surge com o advento da posição depressiva (Segal, 1957/1991) e que a transição da posição esquizoparanóide para a posição depressiva só é possível com o acesso do indivíduo ao espaço do feminino primário (Guignard, 1995), onde ocorre a complexificação e reorganização das relações narcísicas e objectais.

É interessante verificar a existência de um padrão oposto, entre Paulo e Frederico, nos movimentos intra-cartão, revelador de diferenças assinaláveis na oscilação dinâmica entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva, bem como nos vínculos estabelecidos entre continente e conteúdo: no caso de Frederico são bem evidentes os movimentos regredientes nos cartões I, IV, V e VI com perda do vínculo simbiótico estabelecido entre continente e conteúdo na passagem espontânea dos cartões I e IV e do vínculo comensal nos cartões V e VI. Em todos eles reina, no fim, a lógica desorganizante da posição esquizoparanóide; em Paulo, pelo contrário, são notórios os movimentos progredientes realizados nos cartões I, III e IV em que, após o estabelecimento inicial de um vínculo comensal (cartão I) e parasitário (cartões III e IV) se verifica, posteriormente, o acesso parcial à posição depressiva (cartão III) ou o estabelecimento de um vínculo simbiótico, fruto de uma saudável oscilação Ps ↔ D (cartões I e IV). Este contraste de movimentos nos dois sujeitos é também coadjuvado pelo facto do protocolo do Paulo apresentar uma diferença acentuada da primeira para a segunda parte, o que não acontece com o protocolo de Frederico, bem mais homogéneo no predomínio da posição esquizoparanóide – de facto, nos primeiros cinco cartões, observamos um desempenho razoável de Paulo, no que à capacidade simbólica diz respeito, com o já referido

estabelecimento final do vínculo simbiótico entre continente e conteúdo nos cartões I e IV, o movimento progrediente no cartão III e o acesso parcial à posição depressiva nos cartões II e V; é a partir do cartão VI que se verifica a tremenda desorganização e regressão na capacidade de compreensão da experiência emocional e, conseqüentemente, na capacidade de pensar de Paulo.

Como vimos, para que ocorram os movimentos do Ser Como e do Ser Com de forma harmoniosa, é necessário o acesso consistente do sujeito ao espaço do feminino primário: relativamente ao movimento do Ser Como não existem diferenças assinaláveis entre Paulo e Frederico, dado que ambos evidenciam uma problemática identificatória quanto à projecção da identidade de género (surgindo inclusivamente em Paulo dificuldades notórias em lidar com a ambiguidade sexual do cartão VI), o que remete, uma vez mais, para a teorização de Bergeret (1988), que alerta para as fragilidades identificatórias dos sujeitos toxicodependentes na senda de falhas identitárias; em relação ao movimento do Ser Com existem diferenças entre os sujeitos, reveladoras de uma capacidade de acesso distinta ao espaço do feminino primário – note-se a total impossibilidade de relacionamento de Frederico com o Outro (manipulação no sentido inverso de todos os cartões de configuração bilateral, excepto o cartão VIII onde o sujeito “anula” a relação potencial com uma temática especular) quando comparada com as possibilidades relacionais de Paulo, muito ténues, é certo, mas existentes (pese embora a esterilidade relacional entre dois seres humanos evidenciada no cartão III note-se, por deslocamento para conteúdos animais, a qualidade relacional da resposta do cartão II, com mobilização harmoniosa da pulsão libidinal).

Assim, verificamos a existência de um bloqueio claro de Frederico ao nível do materno primário, sem possibilidades de acesso ao feminino primário, enquanto que no caso de Paulo, e apesar das deficiências referidas no que respeita à qualidade do primeiro espaço psíquico formado, existe a capacidade, ainda que ténue, de se movimentar do primeiro para o segundo espaço original do seu psiquismo, o que remete para a concepção de Rosenfeld (1960), que defende a fixação do toxicodependente na posição esquizoparanóide, com acesso parcial à posição depressiva (note-se ainda o número de banalidades insuficientes de Frederico e normativas de Paulo, dando conta das diferenças ao nível da socialização e acentuando a distinção entre um registo muito regressivo e outro um pouco mais evoluído).

9. CONCLUSÃO

Com a realização do presente estudo propusémo-nos auxiliar a compreensão do funcionamento psíquico toxicodependente, procurando determinar/circunscrever a (possível) origem comum para o surgimento das características associadas a esta problemática na génese da capacidade de pensar. A análise dos dois protocolos Rorschach revela, em ambos os sujeitos, o estabelecimento de uma relação extremamente perturbada com o continente materno, condicionante, precisamente, da capacidade para pensar; de facto, a incapacidade em elaborar a dor mental, a intensa intolerância à frustração na relação com o Outro e os défices de simbolização, características por excelência associadas ao fenómeno toxicodependente, são por demais evidentes, encontrando eco nas deficiências dos dois espaços fundadores do psiquismo – o materno primário e o feminino primário. Desta forma, as bases e fundamentos da condição toxicómana deverão decorrer das vicissitudes na construção destes espaços primordiais, fundamentais para o correcto desenvolvimento psicológico do indivíduo.

Realçamos que os resultados obtidos, mais do que promoverem a concretização do objectivo de estudo, espelham uma aliança harmoniosa para com as principais perspectivas dinâmicas sobre a toxicodependência – a delimitação da origem comum das características desta problemática não só é sustentada como está em sintonia com aquelas. Adicionalmente, assinalamos que este estudo surge em complementaridade com outros trabalhos realizados sobre a mesma problemática (e.g. Sousa, 2008) e na senda das propostas preconizadas, nomeadamente pelo aprofundar do estudo das narrativas Rorschach de sujeitos toxicodependentes com consumos mistos.

Apesar de considerarmos que o presente estudo promove o alargamento do método Rorschach, com o acesso a registos psíquicos que não os referentes à lógica clássica do diagnóstico diferencial, tal é conseguido, maioritariamente, com base na *adoção* de procedimentos de análise previamente elaborados em estudos anteriores e não com base na *criação* de procedimentos de análise novos/originais, o que se revela pertinente realizar em próximos estudos. Paralelamente, pese embora o “peso simbólico” dos dois protocolos seleccionados em termos de género (a grande maioria dos toxicodependentes são do sexo masculino), seria muito interessante a análise de um protocolo relativo a um sujeito toxicodependente do sexo feminino, o que ficou por realizar; este interesse assume especial destaque dada a problemática identificatória verificada nos dois protocolos analisados.

Salientamos que a elevada incapacidade, manifestada pelos dois sujeitos neste estudo, na compreensão da experiência emocional demonstra a relevância deste domínio na prática da

psicologia clínica com este tipo de pacientes; de facto, consideramos como fundamental, no desenvolvimento de um projecto terapêutico com sujeitos toxicómanos, a adopção de uma abordagem que envolva um trabalho gradual e crescente na estruturação e complexificação do binómio emoção/pensamento: propomos assim, no âmbito de um estágio inicial destes processos psicoterapêuticos, que se privilegie o campo emocional (o trabalhar da regulação emocional, o saber lidar com afectos, etc.) para que, numa fase posterior, se facilite a focalização na relação com o Outro (tão temida e evitada pelo toxicodependente). Acreditamos que esta centração nas relações com objectos humanos em detrimento da relação com o objecto-droga, o que implica um trabalho de indubitável tolerância à frustração, paulatinamente possibilitará não apenas a re-elaboração das relações com os objectos externos mas também uma re-significação dos objectos internos, com o consequente desenvolvimento simbólico e a possibilidade de trabalhar eficazmente os processos de pensamento. Para que tal aconteça de forma harmoniosa será indispensável ao psicólogo uma capacidade de *rêverie* que desintoxique as angústias do sujeito, de modo a que se estabeleça, sob a égide da aliança terapêutica, uma relação em que o clínico (continente) acolha, contenha e transforme toda a problemática do paciente (conteúdo), com crescimento mútuo.

Finalmente, consideramos de especial interesse a realização, no futuro, de trabalhos que promovam, na senda do presente estudo, a clarificação do fenómeno toxicodependente. Sugerimos essa realização com base em três vertentes (inevitavelmente) inter-relacionadas: *ampliação do referencial teórico utilizado* – o alargamento a outras concepções teóricas (dentro e/ou fora da psicanálise pós-kleiniana), do que procurámos alcançar com este estudo, impõe-se como necessário e fundamental, na prossecução de uma compreensão da toxicodependência cada vez mais profunda e abrangente, de modo a que se dissipe, nas teias do tempo, a enraizada ideia de que “(...) a toxicomania deve ser considerada um importante capítulo dos inclassificáveis da psicanálise” (Santiago, 2001, cit. por Sequeira, 2006, p.66); *convergência da metodologia projectiva* – a elaboração de procedimentos de análise noutros testes projectivos, com vista ao estudo dos processos psíquicos relacionados com o materno/feminino, assume um carácter essencial na integração de resultados entre diferentes provas, constituindo uma eventual mais-valia em termos de avaliações psicológicas e/ou processos psicoterapêuticos. Neste sentido, o TAT, pela sua expressão clínica e maior estruturação perceptiva do estímulo, assume particular relevância; *expansão do objecto de estudo* – seja sob o condão inspirador das palavras descobertas na leitura de um trabalho teórico, seja sob a orientação pragmática de um estudo empírico cuja pertinência se encontra na exposição dos seus dados, torna-se fulcral alargar horizontes. O estudo do paterno e do

masculino assume-se, desta forma, como indispensável. (Re)Descobrimo-lo em Marques (1996), cujas palavras relembramos, para quem “o materno-feminino abre e fecha o ciclo do ser, da relação, do crescimento e da expansão mental; o masculino continua a perpetuá-lo, contendo-o sempre” (p.49) e encontramos-lo em Torrado & Ouakinin (2008), cujo estudo sobre a toxicodependência demonstra “uma forte associação entre a perturbação do conceito de si nestes indivíduos e a percepção de um pai pouco cuidador durante a infância/adolescência (...)” (p.57).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bégoin-Guignard, F. (1987). A l'aube du maternel et du féminin. Essai sur deux concepts aussi évidents qu'inconcevables. *Revue Française Psychanalyse*, 51(6), 1491-1503.
- Bergeret, J. (1988). La personnalité du toxicomane. In J. Bergeret & J. Leblanc (Eds.), *Précis de toxicomanies* (pp. 63-75). Paris: Masson.
- Bergeret, J. (1990). *Les toxicomanes parmi les autres*. Paris: Odile Jacob.
- Bion, W. (1962/1991). *Learning from experience*. London: Maresfield Library.
- Bizot, A. (1985/2005). Wilfred R. Bion. In B. Golse (Ed.), *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança* (pp. 119-130). Lisboa: Climepsi.
- Cabral, M. F. (1998). *Pensar a emoção. O processo psicanalítico como reconstrução da "barreira de contacto" (Bion)*. Lisboa: Fim de Século.
- Chabert, C. (1997/1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Dias, A. (1998). α -dream work. In A. Rezende, C. Amaral Dias & D. Zimmerman (Eds.), *Bion hoje* (pp. 11-36). Lisboa: Fim de Século.
- Dias, A. (1999). *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- Fleming, M. (1995). *Família e toxicodependência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome. Pensar o sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). Dor mental e toxicodependência. *Toxicodependências*, 11(1), 3-13.
- Gavancha, S., & Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27(3), 269-279.

- Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Tecnipublicaciones.
- Guignard, F. (1995). Le maternel et le féminin: Deux espaces de la vie psychique. *Psychologie Clinique et Projective, 1*, 7-26.
- Khantzian, E. J. (2003). Understanding addictive vulnerability: An evolving psychodynamic perspective. *Neuro-Psychoanalysis, 5*, 5-21.
- Magalhães, L. (2008). Perspectivas psicodinâmicas no tratamento do toxicodependente. *Toxicoddependências, 14*(3), 67-81.
- Mancia, M. (1990/1992). *No olhar de Narciso – ensaios sobre a memória, o afecto e a criatividade*. Lisboa: Escher.
- Marques, M. E. (1996). Feminino, fecundo e finito. *Análise Psicológica, 14*(1), 45-52.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- McDougall, J. (1984). The “disaffected” patient: Reflections on affect pathology. *Psychoanalytic Quarterly, 53*, 386-409.
- Olievenstein, C. (1987/1990). *A clínica do toxicómano: A falta da falta*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oneto, M. M., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? – Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica, 27*(3), 331-347.
- Rezende, A. (1998). Aspectos epistemológicos na psicanálise de Bion. In A. Rezende, C. Amaral Dias & D. Zimerman (Eds.), *Bion hoje* (pp. 37-101). Lisboa: Fim de Século.
- Ribeiro, J. L. P. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.

- Rosenfeld, H. (1960). On drug addiction. *International Journal of Psychoanalysis*, 41, 467-475.
- Segal, H. (1957/1991). Notas sobre a formação de símbolos. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje – Desenvolvimentos da teoria e da técnica Volume 1: Artigos predominantemente teóricos* (pp. 167-184). Rio de Janeiro: Imago.
- Sequeira, J. P. (2006). *As origens psicológicas da toxicomania*. Lisboa: Climepsi.
- Sousa, N. J. (2008). A barreira de contacto em sujeitos toxicodependentes, através da sua expressão no Rorschach. *Dissertação de Mestrado*. Lisboa: ISPA.
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. California: Sage.
- Symington, J., & Symington, N. (1997/1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi.
- Teixeira, V., & Marques, M. E. (2009). O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/para a técnica Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), 281-293.
- Torrado, M., & Ouakinin, S. (2008). Identidade e toxicodependência no masculino: Relação paterna, auto-conceito e identidade de género. *Toxicodependências*, 14(1), 57-72.
- Vieira, C. (2001). Repetição, compulsão à repetição e recaídas. *Toxicodependências*, 7(2), 23-28.
- Zimerman, D. (1995). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didáctica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

ANEXO A: PROTOCOLOS RORSCHACH

Protocolo Rorschach A

Paulo, 33 anos

<p>I – 2”</p> <p>1 - Borboleta... não...</p> <p>2 - ...parece mais um morcego. Peça desculpa, é um morcego.</p> <p style="text-align: right;">34”</p>	<p>Aqui as asas (aponta D Lateral).</p> <p>R. Ad. Faz lembrar o Batman. G F+ (H)</p>	<p>Equiv. choque</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>II – 24”</p> <p>3 – Parecem dois ratos a darem as mãos.</p> <p style="text-align: right;">41”</p>	<p>Aqui as orelhas (aponta saliências laterais da parte superior negra).</p>	<p>D kan A Ban</p>
<p>III – 16”</p> <p>4 - Ao centro uma caveira.</p> <p>5 - Duas mulheres vistas de perfil.</p> <p style="text-align: right;">33”</p>	<p>4 – Aqui as órbitas (aponta partes negras inferiores medianas).</p> <p>5 – Aqui os seios (aponta saliências medianas da parte superior negra).</p>	<p>D F- Anat</p> <p>G K H Ban</p>
<p>IV</p> <p>Tá bonito... Não vejo nada. É simétrico, não vejo nada.</p>	<p>R. Ad. – Agora vejo um gigante aqui com os pés (aponta grande saliência lateral inferior) G FClob (H)</p>	<p>Choque manifesto</p> <p>Observação simetria</p> <p>Crítica subjectiva</p>

<p>V – 10”</p> <p>Esta é fácil...</p> <p>6 – Borboleta, insecto com asas.</p> <p style="text-align: right;">19”</p>	<p>Aqui as asas (aponta toda a mancha lateral) e aqui as antenas (aponta saliências superiores).</p>	<p>Crítica subjectiva</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>VI – 33”</p> <p>Voltou a complicar...</p> <p>7 – Parece a dissecação de um animal... não sei qual.</p> <p style="text-align: right;">54”</p>	<p>Agora parece-me um insecto... por causa aqui das mandíbulas (aponta saliências medianas inferiores) ou então um peixe, uma carpa aqui com o rabo (aponta toda a porção superior). Mas sempre a sensação de ser dissecado, espalmado...</p>	<p>Crítica subjectiva</p> <p>G F- A</p>
<p>VII – 27”</p> <p>8 – Aquilo que me parece mesmo são aqueles ossos das costeletas... Não consigo ver mais nada...</p> <p style="text-align: right;">44”</p>	<p>É a imagem toda, em forma de ferradura.</p> <p>R. Ad. Giríssimo, também podia ser dois coelhos a gritarem, aqui com as orelhas (aponta saliência do 1º terço) – D kan A - ou então aqui a cabeça de um porco (aponta 2º terço), tem os olhos expressivos, zangados – D kan Ad</p>	<p>G F- Anat → recusa</p>
<p>VIII – 10”</p> <p>Que bonito, com cores!</p> <p>9 – É uma árvore.</p> <p>10 - Nas pontas dois lobos a subir.</p> <p>Temos que ter em atenção a simetria.</p> <p>Com cores é mais giro.</p> <p style="text-align: right;">28”</p>	<p>Aqui a árvore (aponta Cinzento, Azul e Rosa Centrais, excluindo o Laranja inferior) e aqui os lobos (aponta Rosa Lateral).</p>	<p>Observação cor</p> <p>D CF Bot</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>Observação simetria</p> <p>Observação cor</p>

<p>IX – 48”</p> <p>11 – Visto de frente sugere-me a imagem de um bicho extraterrestre. É um bicho feio.</p> <p style="text-align: right;">1.06”</p>	<p>No azulado central é mesmo agressivo, parece o filme “Alien” a sair da barriga da mãe e aqui estão as narinas (aponta Ddbl central)</p>	<p>Equiv. choque</p> <p>G kan (A)</p>
<p>X – 22”</p> <p>12 – É uma paisagem com mar... vê-se o horizonte...</p> <p>13 – Duas sereias, aqui nos amarelos (aponta D Amarelo Central).</p> <p style="text-align: right;">53”</p>	<p>É a mais complexa por causa das cores... O mar aqui a azul (aponta D Azul Lateral)</p> <p>As sereias parecem mesmo em movimento.</p> <p>R. Ad. Dois caranguejos em movimento (aponta D Azul Lateral)</p> <p>D kan A Ban</p> <p>Está tudo em movimento</p>	<p>G CF Pais</p> <p>D K (H)</p>

Prova das Escolhas:

Tenho muita dificuldade em escolher, tenho que pensar como se estivesse numa galeria de arte a escolher um quadro.

Escolhas positivas:

III – É a mais bonita. Muito equilibrada. Não tem mais nem menos. Mesmo não gostando da caveira...

VIII – Tudo muito organizado. Percebe-se muito bem e as cores não são pesadas.

Escolhas negativas:

VI – É muito mau, não me diz nada, não gosto, aqui as mandíbulas são muito feias, sugere-me medo.

VII – É muito pobre, não há alegria, transmite raiva, assusta-me, tenho medo, os coelhos a gritarem e os olhos do porco zangados...

Protocolo Rorschach B

Frederico, 40 anos

<p>I – 5”</p> <p>1 – Um anjo.</p> <p align="right">10”</p>	<p>Aqui as asas (aponta D Lateral), aqui o corpo (aponta porção central) e aqui as mãos (aponta saliências medianas superiores).</p>	<p>G F+ (H)</p>
<p>II – 9”</p> <p>2 – √ Um demónio.</p> <p align="right">14”</p>	<p>Aqui a face (aponta todo o vermelho inferior) e aqui as pernas (aponta vermelhos superiores)</p>	<p>G F- (H)</p>
<p>III – 7”</p> <p>3 – √ Uma imagem deformada.</p> <p>4 – √ Um Alien.</p> <p align="right">22”</p>	<p>4 - Aqui os braços (aponta porção negra lateral inferior), a face (todo o negro inferior mediano) e o tronco (aponta porção superior do negro lateral)</p> <p>I.L. Sim, uma mulher. Aqui os seios, o tronco e o braço (Aponta porção mediana do negro lateral)</p>	<p>G F- Abs D bl F- (A)</p>
<p>IV – 10”</p> <p>5 – Um Ieti... uma aberração.</p> <p align="right">18”</p>	<p>Aqui a cara (aponta extremidade da parte superior mediana), os braços (aponta saliências laterais superiores) e as pernas (aponta porção lateral inferior).</p>	<p>G FClob (A)</p>

<p>V – 8”</p> <p>6 – Talvez um morcego...</p> <p>7 – Ou uma borboleta.</p> <p>Todas as figuras estão distorcidas...</p> <p style="text-align: right;">14”</p>	<p>Vejo o vampiro, perdão, a borboleta aqui: asas (aponta toda a mancha lateral) e antenas (aponta saliências superiores)</p>	<p>G F+ A Ban → Clob</p> <p>G F+ A</p> <p>Crítica objecto</p>
<p>VI – 11”</p> <p>8 – √ ∧ Pele de felino.</p> <p style="text-align: right;">16”</p>	<p>Aqui as patas posteriores (aponta grande saliência lateral), aqui a cauda (aponta toda a porção superior). Falta-lhe é a cabeça aqui (aponta Ddbl inferior)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VII – 14”</p> <p>9 – √ Pele de felino. Igual ao anterior.</p> <p style="text-align: right;">16”</p>	<p>Falta a cabeça (aponta base do 3º terço). Aqui as patas posteriores (aponta saliência do 2º terço) e aqui as patas anteriores (aponta saliência do 1º terço)</p> <p>R. Ad. √ Também pode ser uma rã. G F- A</p>	<p>Perseveração</p> <p>G F- A</p>
<p>VIII – 16”</p> <p>10 – √ > Dois guaxinis. Marsupiais. Um é o reflexo do outro.</p> <p style="text-align: right;">32”</p>	<p>Aqui o animal (aponta rosa lateral) e o seu reflexo na água...</p>	<p>D F+ A</p> <p>Observação simetria</p>

<p>IX – 20”</p> <p>11 – √ > ∧ Uma imagem completamente abstracta. Não consigo identificar nada...</p> <p style="text-align: right;">26”</p>	<p>R. Ad. > Agora vejo aqui um cavalo-marinho (Castanho) A imagem também é reflectida. D F- A</p>	<p>G F± Abs → recusa</p>
<p>X – 28”</p> <p>12 – √ > ∧ Uma imagem abstracta.</p> <p>13 – ∧ Uma flor.</p> <p style="text-align: right;">48”</p>	<p>Aponta D Castanho Inferior Lateral</p>	<p>Perseveração</p> <p>G F± Abs</p> <p>D F- Bot</p>

Prova das Escolhas:

Escolhas positivas:

I – Porque é um anjo e isso é bom, pese embora esteja um pouco desfigurado o que pode significar que é um anjo um pouco malandro. Representa o que há de melhor em nós.

V – Pela simplicidade, pela clareza.

Escolhas negativas:

IV – Porque é o contrário do anjo, é uma coisa aterradora, é o que há de pior em nós.

VII – Porque foi a imagem que tive mais dificuldade em lidar, não se parece com nada, acho que esta imagem representa muito bem o que é ser toxicodependente: o vazio que existe em nós e a falta de definição.

ANEXO B: PSICOGRAMAS

Psicograma Protocolo A

R - 13 ↓↓	G - 8	∑ F = 7	F+ = 4	A - 6	F% - 54%
Recusas - 1 (IV)	G% - 62 ↑↑		F- = 3	(A) - 1	F+% - 57% ↓↓
Temp. Tot. - 6'20'' ↓↓	D - 5	K - 2		H - 1	Fa% - 85%
Temp./Res. - 29'' ↓	D% - 38 ↓↓	kan - 2		(H) - 1	F+a% - 55% ↓↓
Temp. Lat. Med. - 21'' ↑				Pais - 1	
				Anat - 2	
		CF - 2		Bot - 1	A% - 54% ↑
					H% - 15%
				BAN - 5	

T. Apreensão: \underline{G} $\overset{=}{D}$

T.R.I.: $2K = 2\sum C$
 F. Compl.: $2\sum k > 0\sum E$
 R.C.: 38%
 I.A.: 15%

Elementos Qualitativos:

Choque - IV
 Equivalente choque - I; IX
 Observação cor - VIII
 Observação simetria - IV; VIII
 Crítica subjectiva - IV; V; VI
 Tendência recusa - VII

Psicograma Protocolo B

R - 13 ↓↓	G - 10	$\sum F = 12$	F+ = 5	A - 5	F% - 92% ↑↑
Temp. Tot. - 3'60'' ↓↓↓	G% - 77 ↑↑		F± = 2	(A) - 2	F+% - 50% ↓↓
Temp./Res. - 17'' ↓↓			F- = 5	(H) - 2	Fa% - 100% ↑
Temp. Lat. Med. - 13''	D - 2			Abs - 3	
	(D bl) - 1	FClob - 1		Bot - 1	F+a% - 54% ↓↓
	D% - 23 ↓↓				
				BAN - 2 ↓	A% - 54% ↑
					H% - 15%

T. Apreensão: \underline{G} $\overset{=}{D}$

T.R.I.: $0K = 0\sum C$
F. Compl.: $0\sum k = 0\sum E$
R.C.: 31%
I.A.: 0% ↓↓

Elementos Qualitativos:

Observação simetria - VIII
Crítica objecto - V
Tendência recusa - IX
Perseveração - VII; X